INSTITUTO FEDERAL
Rondônia

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA - CAMPUS VILHENA
CURSO BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
2023/2

HOJE TEM FEIRA

NARRATIVAS ORAIS E IMAGÉTICAS ACERCA DAS FEIRAS LIVRES EM VILHENA-RO

GRADUANDA: MARIA ISABEL PEREIRA CASTRO
ORIENTADORA: LOUISE MARIA MARTINS CERQUEIRA





INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE RONDÔNIA - CAMPUS VILHENA

HOJE TEM FEIRA: NARRATIVAS ORAIS E IMAGÉTICAS ACERCA DAS FEIRAS LIVRES EM VILHENA-RO

MARIA ISABEL PEREIRA CASTRO

Trabalho de Conclusão de Curso entregue ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Vilhena, para obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.
Orientadora: Profa. Dra. Louise Maria Martins Cerqueira

VILHENA
2023/2

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Castro, Maria Isabel Pereira.
Hoje tem feira: Narrativas orais e imagéticas acerca das feiras livres em Vilhena-RO / Maria Isabel Pereira Castro, Vilhena-RO, 2023.
58 f. : il.

Orientador(a): Profª. Dra. Louise Maria Martins Cerqueira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Vilhena-RO, 2023.

1. Apropriação. 2. Efemeridade. 3. Feiras Populares. 4. História Urbana. 5. Território. I. Cerqueira, Louise Maria Martins (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Rosilene Maria do Couto Marques, CRB-11/321 (Campus Vilhena)



Dedico este trabalho de conclusão a todos que acreditaram, torceram e confiaram em mim. À minha família, amigos e professores. Direciono meus primeiros agradecimentos ao bom Deus, que em seu amor fecundo permanece em todo meu caminho. Aos meus amados pais, Enésio e Irisvanda, por serem minha fortaleza, refúgio e primeiros amigos, por fazerem o possível e o impossível por mim desde sempre. Obrigada por tanto, espero um dia poder recompensá-los, os amo muito.

Aos meus avós: Francisco, Francisca, João e Isabel. À toda minha família, não só os que estão perto e presenciaram os percalços deste caminho, mas aos que estão longe e ainda assim se fizeram presentes. Ao meu amado (país) Ceará, terra tão bonita, que me formou e de onde sempre farei parte, não importa quão longe for.

Aos queridos amigos Fabrício, Vera, Leandro e Denilson, companheiros dessa jornada, desejo todo o sucesso. Obrigada pela companhia em noites intermináveis projetando, pelos cafés e conversas compartilhados, e acima de tudo, a lealdade construída neste percurso. “Fica assim então”, não é? Amo vocês, que nossos caminhos sigam se encontrando, queridos!

Ao meu querido Claudinei, por inestimável apoio, atenciosa escuta e doce incentivo para continuar seguindo o que me motiva. Sem você, o “chão da feira” não seria o mesmo, assim como meus dias. Que nossas arquiteturas continuem se complementando.

Agradeço igualmente aos demais amigos e colegas que sabem que por aqui passaram. Aos que já foram, mas deixaram suas marcas.

Sou grata à instituição que está tão presente na minha história, que me formou e me recebeu desde os primeiros passos do ensino médio até a linha de chegada na graduação, portanto, minha gratidão ao IFRO campus Vilhena, seus formidáveis professores e dedicados servidores.

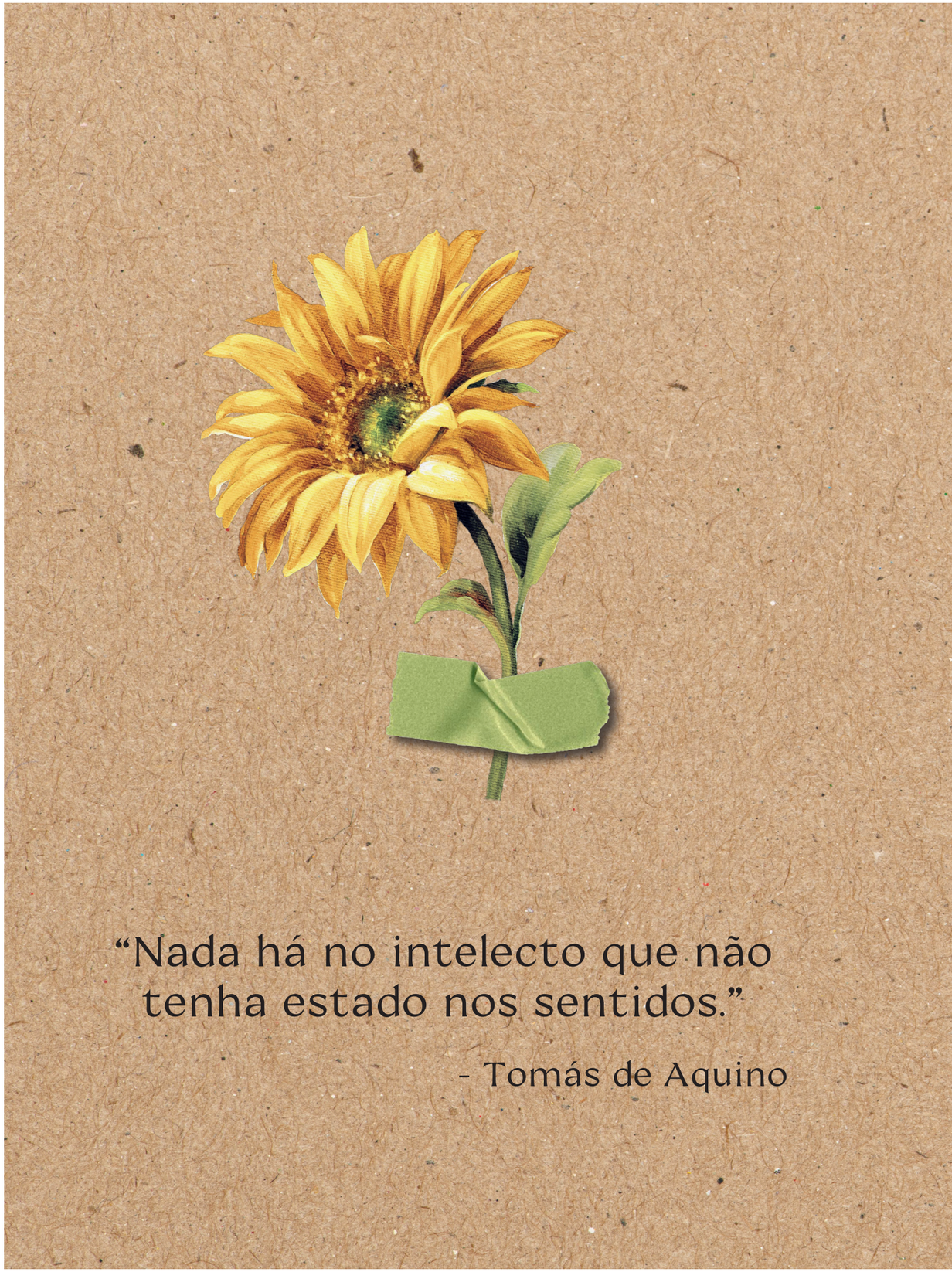
Não poderia ser menos grata à minha orientadora maravilhosa, Louise Cerqueira, que tanto elevou esta jornada, sempre “concatenando os tchatchatchas” e me mostrando que na arquitetura devemos celebrar os encontros, e que encontro o nosso! Serei sempre sua admiradora, como mulher, profissional e amável ser. Do mesmo modo, sou grata às queridas Áurea e Regina, que com muita amabilidade tornaram esta trajetória mais leve, sempre dispostas a mostrar caminhos possíveis. Aos amantes das artes, que conferem a mim o ímpeto de amar ainda mais a arquitetura e o urbanismo. Aos feirantes e à feira de todo o Brasil, especialmente a de Pacajus, terra do caju, no Ceará.

Aos criadores do Lo-fi, ao Joji por “Sanctuary” e “Die for you”, ao Tame Impala por “Let it happen”, ao Tears for Fears por “Head over heels”, ao Alceu Valença por “La belle de jour”, ao Harry Styles por “Cherry” e à Sam Phillips por “How to dream”.

Por fim, faço memória à minha querida tia Edileuza, a pessoa mais doce que já conheci, que sempre torceu por mim e que iria amar acompanhar este trabalho. Obrigada pela mãe, filha, professora e amiga incrível que você foi, espero ser referência e presença na vida das pessoas como a senhora continua sendo.

E a você, caro leitor, por acolher estas palavras carinhosamente escritas por uma amante da arquitetura e devota apreciadora das belezas da vida. Que este livro de memórias o encontre em um bom momento. Aproveite a jornada!

AGRADECIMENTOS



SUMÁRIO

CAPÍTULO I

10 RESUMO

12 1.1 INTRODUÇÃO

16 1.2. REFERENCIAL TEÓRICO

20 1.3. MATERIAIS E MÉTODOS

20 1.4. RESULTADOS PARCIAIS

25 1.5. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

CAPÍTULO II

32 2. COMO SE EXPRESSA

34 2.1. MURAL DE PROCESSOS

40 2.2. DE LONGE
2.3. DE PERTO

41 2.4. CHEIOS

42 2.5. VAZIOS

43 2.6. COBERTURAS

46 2.7. REALIDADE PRESENTE

2.8. FORMAS DE PERCORRER

2.9. AUTOMÓVEIS

47 2.10. CAIXOTES

48 2.11. GAMBIARRA

49 2.12. O CORPO COMO EXPOSITOR

52 2.13. NO CHÃO

54 2.14. NO CHÃO

55 2.15. NA MEMÓRIA

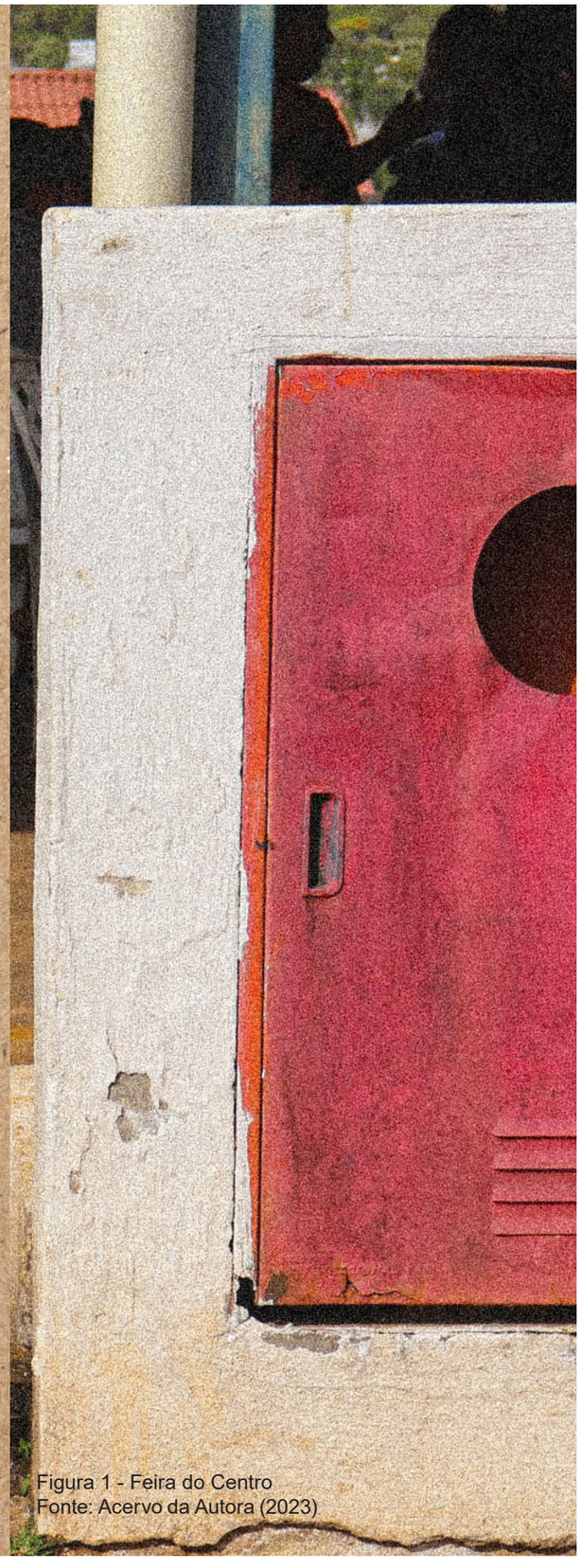


Figura 1 - Feira do Centro
Fonte: Acervo da Autora (2023)



Figura 2 - Feira São José à noite
Fonte: Acervo da Autora (2023)



Figura 3 - Improvisos
Fonte: Acervo da Autora (2023)

“A verdadeira universalidade respeita as singularidades locais. Todos entram com sua parte, compondo a vasta sinfonia da cultura. Ela é feita de contrastes, que não são contrários, mas complementares.”

- Ariano Suassuna

CAPÍTULO 1:
FEIRAS LIVRES
TERRITÓRIO E ESPAÇO URBANO





RESUMO

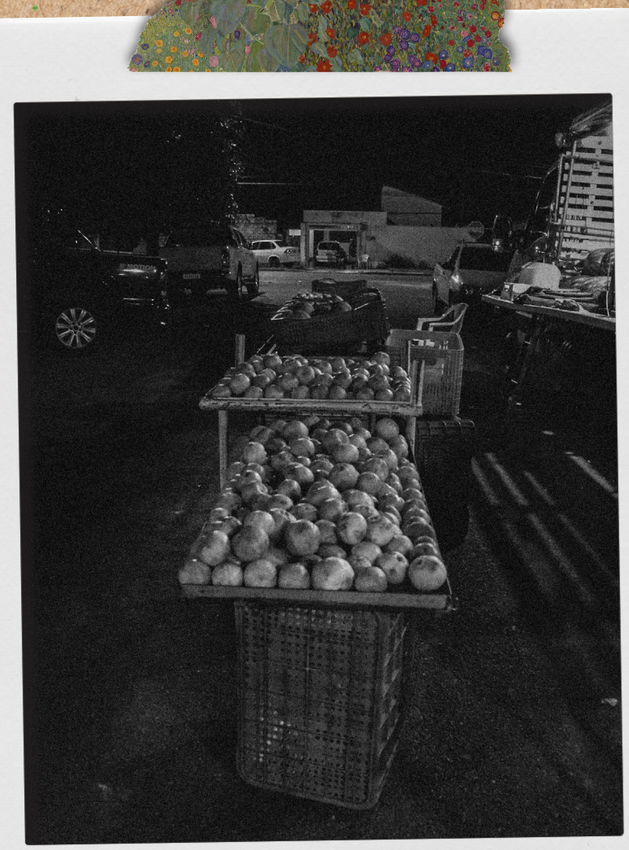
O presente artigo buscou compreender o funcionamento das feiras livres de Vilhena-RO enquanto manifestações urbanas e sua relação com a cidade. Para tanto, foram considerados aspectos como: uso do espaço, economia, sociabilidade, memória e a efemeridade desta arquitetura popular. Refletiu-se ainda sobre a pujante leitura do espaço a partir da experiência, pouco considerada academicamente e leitura de fotografias. A pesquisa é de caráter básico, descritivo e qualitativo. Utilizou-se de visitas in loco, observação participativa e produção de diário de bordo para coleta de dados, além de fotografias, análise documental e entrevistas semiestruturadas. Com efeito, os resultados obtidos se mostraram valorosos, pois expressaram a forma de ser feirante, como dá-se a apropriação do espaço pela população, a inventividade na dificuldade e o desfazer de relações dicotômicas, sustentando a contribuição da pesquisa. Enquanto agentes transformadores da cidade, arquitetos e urbanistas têm de voltar-se às produções arquitetônicas feitas de outras maneiras, além das diferentes formas de dimensionar espaços e a multiterritorialidade produzida pela feira. Resistente, taticamente teimosa e puramente expressiva, no chão da feira cabem memórias e experiências que remontam a história da cidade, feita sobretudo, pelas pessoas. É efemeridade continuada, documento de si mesma. Como espetáculo urbano ancorado em referências culturais e valores coletivos, a feira deve continuar.

Palavras–chave: Apropriação, Efemeridade, Feiras Populares, História Urbana, Território.









1

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou contribuir para estudos arquitetônicos e urbanísticos, ao apreender, registrar e refletir as potencialidades percebidas nas feiras populares. Para tanto, as reflexões voltaram-se aos modos como a feira se expressa, as relações que estabelece com a cidade e as plurais leituras que se pode fazer a partir do olhar sobre ela. Neste sentido, foram desenvolvidas interpretações acerca das experiências do corpo-pesquisador em visitas in loco, reprodução imagética e entrevistas semiestruturadas com feirantes.

As feiras populares no Brasil são detentoras de inúmeras histórias, memórias e registros. Ocupam espaços na cidade e territorializam[1] o efêmero de maneira própria, com setorizações e demais organizações, onde produtores, em sua maioria rurais, são agentes motores do urbano. É abrigada pela malha urbana, que ao espraiar-se[2], leva-a consigo. Enquanto zona de comércio, as feiras são datadas, como ferramentas de troca e venda de produtos, desde o início da disseminação do capitalismo, onde produtores comercializam seu excedente e atravessadores[3] igualmente o distribuem. Embora esteja se esvaindo em alguns contextos, como a feira popular se relaciona com o espaço urbano e se manifesta na cidade de Vilhena, Rondônia?

Para além de movimentos no âmbito econômico, a feira é ainda capaz de manifestar-se cultural e socialmente, pois reforça o pertencimento e permanência da população local, promove a socialização e auxilia na construção da história urbana. Ao ocupar o espaço, ajuda a produzir a paisagem da cidade, todavia, não detém-se à estaticidade como das paisagens retratadas em quadros, e sim, exemplificam de forma ativa como a urbe se manifesta e se move. Seus sons, cores, texturas, temperaturas e narrativas são expressivamente particulares.

Desta maneira, privar-se da busca por compreender a feira é ignorar a magnificência de seus saberes e contribuições. Na tônica e diminuta procura por descrevê-la, toma-se, além de tudo, a camada do experienciar, que ultrapassa as contenções documentais, burocráticas e regulatórias. É teimosia tática que costura veios urbanos ao se territorializar na cidade.

O processo de territorialização está diretamente ligado ao modo como a terra é utilizada (SACK, 1986 apud HAESBAERT, 2004, s.p.) e pode ser visto em alguns contextos de desenvolvimento. Ao observar Vilhena - RO (Figura 4) na qualidade de território em expansão espraiada e favorável campo para estudos urbanísticos, é possível relacionar seu crescimento ao surgimento das feiras livres. Por isso, é preciso inteirar-se sobre o início da história da localidade, marcada por expedições chefiadas por Marechal Rondon, pioneiro e agente imprescindível nesta gênese. A implantação estratégica de um posto telegráfico que ligaria as cidades de Cuiabá-MT a Porto Velho-RO, impulsionou o surgimento de vilas por esse eixo, sendo Vilhena a primeira delas.

Figura 4 - Localização Brasil, Rondônia, Vilhena



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Devido aos incentivos da União para distribuição e aquisição de terras aos colonos, a localidade acabou por atrair imigrantes de diversos estados brasileiros, onde alguns utilizaram da agricultura como meio de subsistência. Apenas em 1977 Vilhena é oficialmente denominada como município e atualmente o estado destaca-se como o terceiro maior produtor de grãos da Região Norte, ocupando a 14ª posição de maior produção no mesmo ramo no país, segundo o Governo do Estado de Rondônia (2022). Assim, é possível notar a forte presença da agricultura na macroeconomia da região, fomentada por grandes e pequenos produtores.

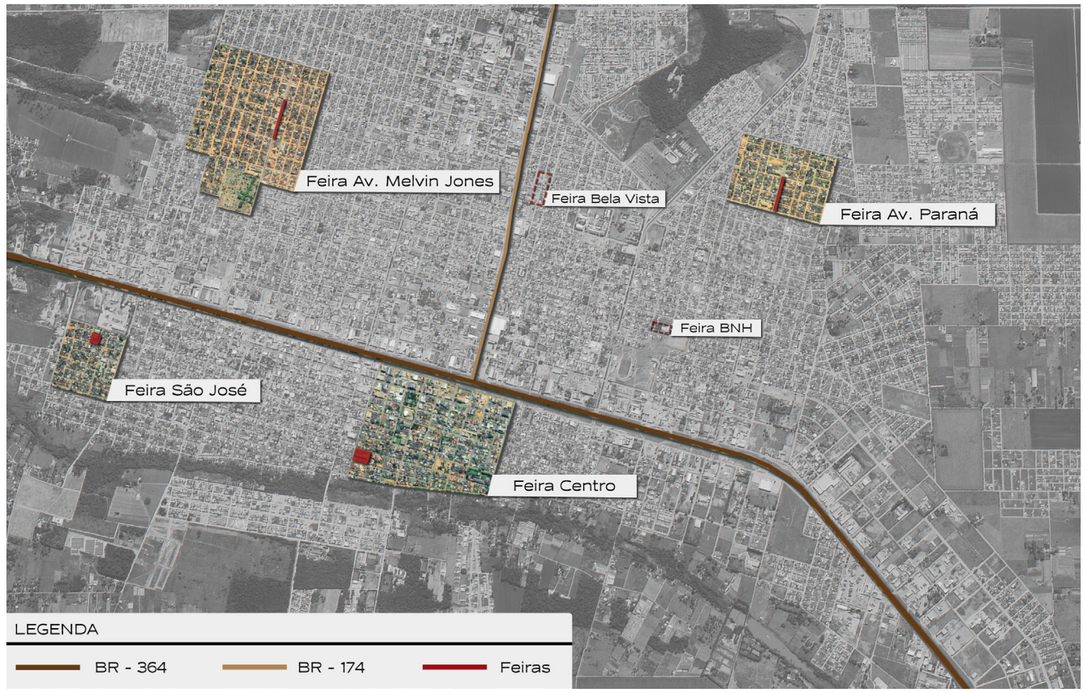
A partir de 1980, surgiu a primeira manifestação local da feira popular, movida inicialmente por pequenos produtores familiares, tendo-a como ofício e/ou complemento da renda. O encontro entre feirantes e compradores acontecia aos domingos, na praça Ângelo Spadari, no centro de Vilhena. Atualmente, as feiras em Vilhena acontecem em seis dos sete dias da semana, em lugares diferentes. São eles: Av. Paraná na terça-feira, Av. Melvin Jones às quartas-feiras, bairro Bela Vista e BNH às quintas-feiras, bairro São José às sextas-feiras, bairro BNH aos sábados e Centro aos domingos (Figura 5).

[1] Territorialização para o urbanismo diz respeito às relações e os usos estabelecidos no espaço, sejam elas econômicas, culturais ou sociais. Faz ainda relação com apropriação e o modo como as pessoas utilizam a terra (HAESBAERT, 2004).

[2] Espraiamento é o termo dado à característica de expansão horizontalizada das cidades, que pode afetar diretamente a mobilidade urbana, além de causar segregações e dificultar o direito à cidade.

[3] Atravessador é o comerciante que vende nas feiras produtos que não produziu, não sendo este o produtor primário.

Figura 5 - Localização das feiras livres de Vilhena - RO



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Compostas de pequenos produtores rurais, artesãos e atravessadores, é possível encontrar os mais variados perfis de comerciantes nesse contexto. No entanto, há uma expressiva presença dos que produzem em menor escala e que são fortalecidos pela presença na feira, ou por muitas vezes, a tem como principal fonte de sustento. Nesse sentido, a empregabilidade se mostra um forte indicador de como a sobrevivência desse tipo de mercado é positiva para o cenário econômico local.

Jacobs (2011, p.161) afirma que “Onde quer que existam locais cheios de vida e atraentes nas cidades, os pequenos são muito mais numerosos que os grandes.”. Logo, fortalecer o pequeno fabricante rural é também fortalecer o meio urbano que será utilizado por ele, criando assim, cidades mais inclusivas e sustentáveis, ambicionadas desde 2015 pelo Objetivo 11 da Organização das Nações Unidas (ONU), que pretende fomentar a urbanização qualitativa.

Desta forma, a fim de expandir a compreensão a respeito da temática, nota-se a pertinência em fomentá-la, uma vez que a produção acadêmica sobre feiras populares é escassa se comparada a demais assuntos no campo da arquitetura e do urbanismo. Como municipalidade em potencial desenvolvimento e ofertando o único curso público de Arquitetura e Urbanismo no estado de Rondônia atualmente, Vilhena mostra-se um campo fecundo para a produção científica que contribua para o rastreamento e construção de sua história urbana.

Sendo assim, o percurso metodológico se valeu da experiência sensorial, fotografias, reflexão da imagem e entrevistas semiestruturadas. No que tange aos impasses processuais, foram feitas leituras a partir de conjuntos de fotografias sobrepostas[4], para estudo da imagem. Este, ainda que considerado um campo secundário, se mostrou fecundo visto às entrevistas realizadas (campo primário de análise). Assim, estruturada em dois capítulos, esta pesquisa é costurada por relatos de vivências, narrativas visuais e relações experienciais.

O primeiro capítulo descreve as percepções captadas durante as visitas e caracteriza as formas em que a feira popular se expressa, enquanto o segundo concatena os processos e avoluma as etapas anteriormente descritas. A produção artística se fez igualmente presente e plural, manifestada em desenhos, colagens, montagens e fotografias, como já mencionado. Estas, sintetizaram com texturas e cores o olhar cuidadoso lançado sobre o objeto de estudo, que resiste aos percalços cotidianos, persiste teimosamente e abre-se aos seus convidados.

Abertas as cortinas, é tempo de contemplar este espetáculo urbano. Este trabalho refletiu sobre a natureza do espaço urbano enquanto expositor da feira popular, esforçou-se em ponderar formas alternativas de produção do conhecimento, bem como descrever a feira popular como intensa propulsora de reflexões sobre a cidade de Vilhena-RO.

[4] Expostas em um Mural de Processos (p. 34).

Fonte: Acervo da Autora (2023)

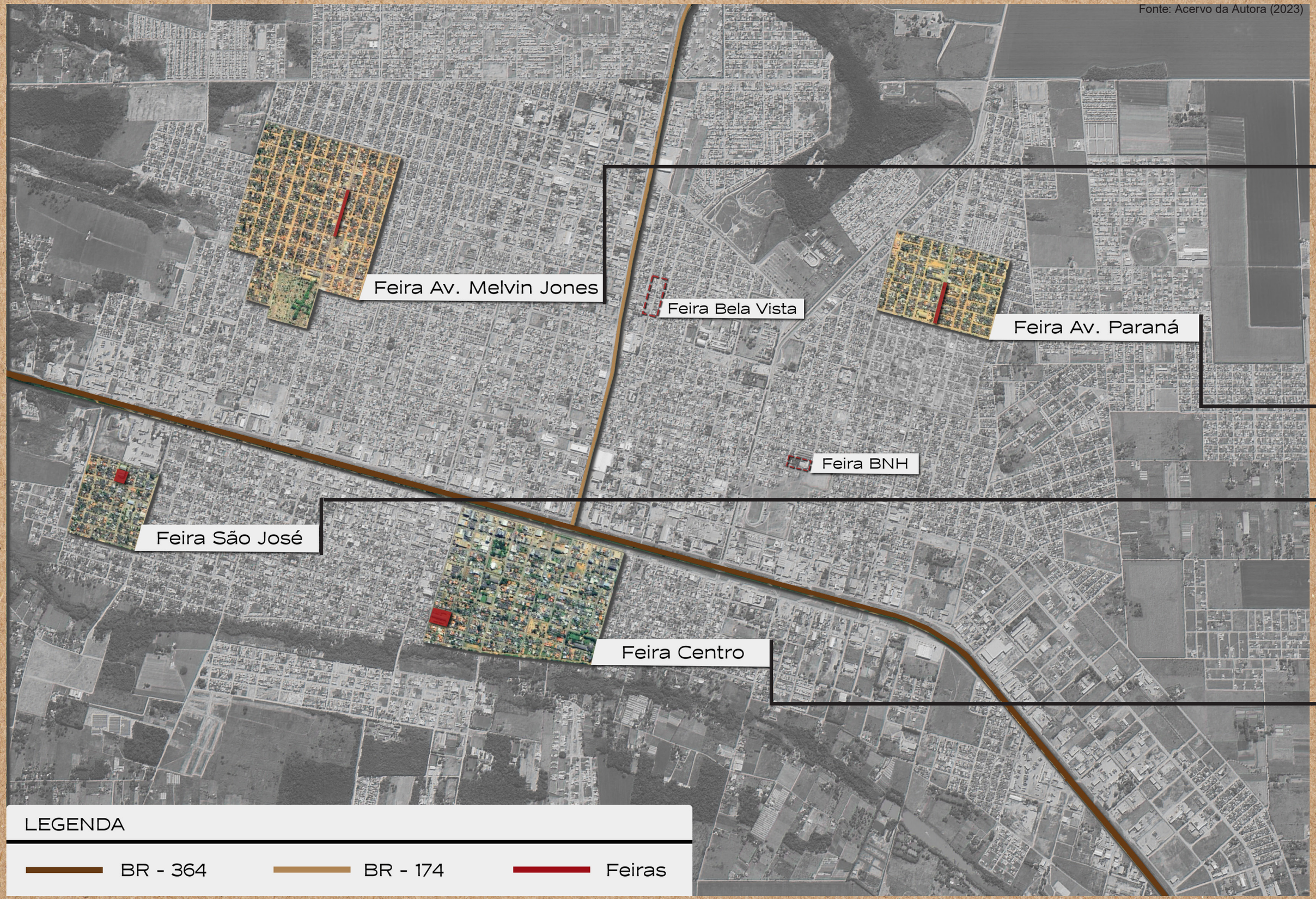




Figura 6 - Feira Melvin Jones
Fonte: Acervo da Autora (2023)



Figura 7 - Feira Paraná
Fonte: Acervo da Autora (2023)



Figura 8 - Feira Centro
Fonte: Acervo da Autora (2023)



Figura 9 - Feira São José
Fonte: Acervo da Autora (2023)

Figura 10 - Percorrendo a feira
Fonte: Acervo da Autora (2023)



1.2

REFERENCIAL TEÓRICO

Assim como um livro, filme ou música, a feira popular pode provocar sensações e contar histórias. Para alguns é rotina, para outros um lazer semanal. Estão em muitos lugares e poucas horas depois estão em lugar (físico) nenhum, quase não deixando fragmentos. Sua capacidade de transformação é tão ágil quanto seu surgimento. “É efemeridade capaz de criar uma metamorfose curta, mas completa, no recorte da paisagem da cidade [...]” (CERQUEIRA; SILVA, 2021, s.p.).

Buscar compreender a história de uma localidade é mantê-la viva e iminente por um maior período temporal. Tendo em vista que Vilhena possui tão somente 45 anos de emancipação (realizada em 1977) e a fim de rememorar raízes e perpetuar o conhecimento, é preciso discorrer acerca do que de fato é história da cidade e história urbana. Santos (1993) apresenta em seu texto comentário “A cidade e o urbano como espaço-tempo” a correlação dos dois termos:

> Na realidade, duas coisas estão sendo confundidas gratuitamente, graciosamente, alegremente: a cidade e o urbano. Há duas coisas que se pode fazer separadamente ou conjuntamente: a história da cidade e a história do urbano. O urbano é frequentemente o abstrato, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno. Não há o que confundir (SANTOS, 1993, p. 242-243).

O autor reitera que a união dos dois tipos de história anteriormente definidos forma a teoria da urbanização, da cidade, a história das teorias e das mentalidades urbanas. Assim, para identificar a formação da narrativa dentro da natureza do espaço, deve-se primeiramente reconhecê-lo como produção continuada. As formas criadas e criadoras, que após construídas, se levantam e se impõem, foram assim feitas no passado e têm papel ativo na elaboração do presente e do futuro (SANTOS, 1993). Ao se manifestar, a feira popular também se ergue e se impõe, nascida no passado mas conservando existências no presente-futuro.

Rolnik (1993) une-se ao pensamento de Santos quando sustenta que a caracterização da história urbana se dá por meio do foco sobre a configuração espacial. Por conseguinte, o espaço é reconhecido também como uma forma de registro, um dado ativo, uma variável histórica e teórica. Enquanto se relaciona com a transformação e o movimento, o urbano irá ainda suscitar vínculos funcionais entre o indivíduo e o espaço, a isso denomina-se território, ou noções de territorialidade. A autora ressalta ainda a relevância da relação indivíduo-espaço ao dizer:

> Uma arquitetura que guarda vínculo intrínseco com uma subjetividade coletiva que a delimita não pressupõe uma relação de exterioridade entre a produção coletiva e a materialidade que é a configuração espacial. As relações que os indivíduos estabelecem entre si configuram-se espacialmente. São processos de subjetivação individual e coletiva e não relações funcionais do tipo uso ou relações de uso: aqui lugar de morar; aqui lugar de trabalhar; aqui lugar de circular (ROLNIK, 1993, p.28).

O encontro multidisciplinar entre estudos urbanos, geográficos e antropológicos concebem ao entendimento de território um valor de subjetividade, afinal, “Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito. O espaço do mapa dos urbanistas é um espaço; o espaço real vivido é o território.” (ROLNIK, 1993, p.28).

As diferentes formas de usar o espaço, as manifestações que ocorrem simultaneamente e o sentir-se parte estão relacionados à apropriação. Do mesmo modo, o senso de coletividade concebido afasta a dominância do “meu” e adiciona o vigor do “nosso”. Apropriar, ocupar, preencher, utilizar. Sinônimos não só do “fazer parte”, mas dos que partilham os fazeres e saberes. O espaço por si só conta a(s) história(s), mas quem o vive, de fato, a constrói em tempo real. Pensar território, portanto, demanda também o olhar sensível para as formas de apropriação, tangíveis, espacializáveis, mas que remontam para camadas subjetivas e intangíveis.

Assim sendo, a caracterização do espaço e por conseguinte do território, é ainda subdividida por Haesbaert (2004) em duas amplas categorias: simbólico e funcional, onde um conecta-se com múltiplas identidades que se atém ao espaço com valor afetivo, enquanto outro o tem como lugar de troca dominado e desigual, respectivamente. Enquanto registro de si mesma, a feira não só acontece como território simbólico como também materializa o subjetivo.

Diante disso, os encontros, desencontros, diálogos e a sociabilidade são facilmente identificados nessas pequenas cidades vivenciadas, demonstrando a forte contribuição que o objeto de estudo aqui apresentado traz para este âmbito. À vista disso, a feira popular exerce o papel de antítese do que Augé (1994) descreve como não-lugar, um ambiente que não se define como relacional, identitário e histórico. De maneira puramente oposta e ainda exercendo a efemeridade, as feiras evocam relações e diversos outros tipos de conexões duradouras.

As memórias construídas atribuem ainda mais propósito à frequente presença de seus participantes, mapeá-las remonta o protagonismo de quem as vive. A grande valia do conversar, interagir e caminhar, impulsiona os viventes ao pertencimento e apropriação do lugar onde se vive. As vivências e memórias, unidas ao espaço, configuram ao lugar propriedades históricas, sendo o contrário também uma verdadeira. As histórias presentes no espaço retomam memórias e vivências passadas. Para além da matéria, as ruas, os bairros e as cidades são constituídas por pessoas, e assim, possuem memórias intrínsecas, quase indissociáveis entre si.

Deste modo, a captação de memórias não tem caráter apenas afetivo, visto que podem fundamentar buscas tal qual documentos e demais tipologias bibliográficas. O registro através da experiência pode dizer tanto quanto dados exprimidos por um questionário, por exemplo. A subjetividade, ainda que pouco explorada academicamente, necessita de maior consideração, visto que a análise exploratória é feita por um corpo pesquisador constituído de particularidades. Com tenuidade, Cerqueira (2020) consolida:

> Se considerarmos que não há o “eu” separado do mundo, ou sujeito separado de outros sujeitos, a subjetividade, portanto, não é uma fuga do mundo para dentro de si, mas um encontro do mundo através dos sujeitos. O outro está sem-

> pre presente. Os valores, os significados, os afetos, sempre repousam em ações e materialidades apreensíveis na experiência de mundo, e a pesquisa também não está apartada dessa dimensão (CERQUEIRA, 2020, p. 104).

Logo, limitar o espaço vivenciado à métricas e números é apartá-lo do viver que o constrói. Para Rolnik (1993) a memória está diretamente ligada às experiências que o sujeito, seu grupo ou a história desse grupo teve em um espaço. Já Santos (1993), acredita na necessária "[...] reconstrução dos cenários de uma realidade que em parte se esvaiu, a busca do significado e da memória, uma memória que, através dessa forma histórica, encontramos expungida ao máximo dos filtros" (SANTOS, 1993, p.243). Portanto, assim como a história, a memória também deve ser reacendida, ajudando a manter a existência do que a cerca.

Em vista de abordar a memória como instrumento motor na construção da história urbana, faz-se necessário ainda relacioná-la ao coletivo. Uma lembrança antes sozinha pode reunir muito mais informações quando compartilhada entre um coletivo de pessoas. Contribuinte da psicologia para esta pesquisa, Bosi (1979) ressalta que ao trabalhar de forma intensa e em conjunto, um grupo tende a criar esquemas coerentes de narração e forma de interpretar os fatos. A partir do entendimento de memória, será ampliado o conhecimento por meio das discussões da história oral, trazido por Bosi, que conclui:

> [...] qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória (BOSI, 1979, p.29).

Em seu livro "Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos" (1979), a autora discorre igualmente sobre a importância da valorização, tanto da memória coletiva quanto das amadurecidas individualmente. Sendo assim, na insuficiência de registros e dados formalizados, as narrativas se perpetuam mediante à recordação coletiva, escuta de produtores mais antigos na feira e demais contribuintes dispostos a compartilhar suas vivências.

Assim como Bosi (1979), o historiador francês Le Goff (1990) reitera a significância da memória urbana coletiva, dizendo:

> Com a expansão das cidades, constituem-se os arquivos urbanos, zelosamente guardados pelos corpos municipais. A memória urbana, para as instituições nascentes e ameaçadas, torna-se verdadeira identidade coletiva, comunitária (LE GOFF, 1990, p.389).

Pode-se então considerar que a reunião de saberes através da história oral e memórias, bem como por meio de análise documental, fotográfica e entendimento da territorialização contribuem grandemente para caracterizar as manifestações urbanas vilhenenses.



Figura 11 - Caixotes
Fonte: Acervo da Autora (2023)

“A cidade é uma escritura da nossa presença no lugar. É preciso deixar no chão o nosso traçado. É uma história falante sempre. A melhor maneira de conservar qualquer coisa numa cidade é transformando pelo uso."

- Paulo Mendes da Rocha



1.3

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa é viabilizada e caracterizada por aspectos que Gil (2010) descreve como básica, com a natureza de dados qualitativos e descritiva com aproximações exploratórias. Para tanto, foram consultados em primeiro momento, como forma de aprofundamento bibliográfico, meios de pesquisa virtuais consolidados como Vitruvius, Google Acadêmico, Archdaily, Repositório de Dissertações e Teses - CAPES, Repositório USP e ResearchGate, visando informações acadêmica e cientificamente pertinentes. Por meio destes, foram buscados termos e palavras-chave como “feiras populares”, “território” e “uso do espaço urbano”. Realizou-se ainda pesquisa documental em registros da Prefeitura Municipal de Vilhena e demais arquivos disponíveis.

Sendo a feira livre uma manifestação cultural experienciável e em constante movimento, durante a etapa seguinte se fez necessário caracterizá-las por meio da percepção individual, onde o olhar sobre a feira e feirantes foram diretos protagonistas dos registros. Outrossim, as visitas in loco, observação participativa, fotografias e transcrição das percepções a um diário de bordo, captaram as particularidades de cada uma. Em suma, os procedimentos se dispõem desta maneira:

- Rastreamento documental e bibliográfico: Busca por registros da Prefeitura Municipal de Vilhena e demais secretarias municipais. Análise e correlação de bibliografias respectivas à temática principal e tangentes.
- Pesquisas de campo exploratórias: incursões, primeiros contatos e construção de confiança com possíveis entrevistados. Aplicação da observação participante e elaboração de registro em diários de campo e croquis.
- Pesquisas de campo complementares: Registros fotográficos e organização do material empírico. Seleção, tratamento e categorização do acervo fotográfico da pesquisadora. Organização de anotações das visitas de campo e transcrições de percepções, que construíram o documentar durante a pesquisa.
- Entrevistas semiestruturas com feirantes presentes nas quatro feiras visitadas.





1.4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após aplicação da metodologia adotada, foram encontradas lacunas documentais ao consultar os órgãos municipais competentes. Embora haja uma organização sistemática sobre as feiras, realizada pela Secretaria Municipal da Agricultura (SEMAGRI) e leis que oficializam o funcionamento de duas delas (São José e Centro), não são encontrados abertamente registros oficiais do surgimento das feiras livres em Vilhena. As autorizações anteriormente citadas datam dos anos de 2015 e 2009, respectivamente, demonstrando a escassez de acervos primários, o que sugere o aparecimento das feiras por demanda popular.

Ao longo das visitas em campo, foram observadas as particularidades e relações que cada tipo de feira livre tem com seu entorno, que foram transcritas para um diário de bordo. Seja na movimentada manhã de um domingo, ou no fim da tarde de uma quarta-feira, é possível imergir no acontecimento da feira e observar como sua presença desmancha relações outrora dicotômicas. A sobreposição urbano-rural, por exemplo, é positivamente fortalecida nesse encontro, como o tangenciar de dois rios que agora correm juntos. Então, o corpo pesquisador refletiu ainda sobre as formas de absorver o território simbólico experienciável.

Atualmente há duas tipologias: as dispostas em barracões (estruturas fixas) e as efêmeras, construídas na rua (Figura 12). Serão aqui descritos 4 estudos de caso: as feiras dos bairros São José e Centro, representantes da tipologia fixa, e posteriormente as dispostas efemeramente nas avenidas Paraná e Melvin Jones. Todos estes casos recebem apoio da SEMAGRI quanto à infraestrutura, com disposição de cavaletes e cones para fechamento das ruas, lixeiras e fiscais que contabilizam a frequência dos feirantes.

Figura 12 - Tipologias de feira: Efêmera e em estrutura fixa



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Esporadicamente oferecem cursos preparatórios para vendedores, não sendo obrigatório ao comerciante local. Ainda que se assemelhem quanto à tipologia estrutural, as feiras dos bairros Centro e São José, aqui cuidadosamente descritas, contrastam quanto ao fluxo de pessoas, sendo a primeira com maior público e número de feirantes e a segunda, o oposto. Enquanto no primeiro exemplo a faixa etária dos consumidores transita de crianças até idosos, o segundo mostrou-se fortemente frequentado por idosos, que, caminhando com característicos carrinhos de compras, ornamentam a paisagem e fazem refletir sobre a infraestrutura urbana, para quem ela é destinada. O fechar de ruas, a criação de pequenas vias efêmeras, o percorrer de corpos subjetivos, a ocupação de espaços que os pertencem por direito. Nesta ordem - e em tantas outras - a rua se faz feira, a feira se faz cidade e nesta cidade, surge este fenômeno.

Apenas uma estrutura tão ricamente composta tem a habilidade de persistir e refrear fluxos “carrocêntricos”, que crescem consideravelmente em Vilhena. Afinal, se a cidade é feita para as pessoas, por que veículos ainda são, em muitos contextos, amplamente valorizados e sobressalentes aos pedestres? Por isso, indispensável é voltar o olhar ao poder descentralizador da feira, que abre tantos caminhos no transitável seletivo.

Em meio ao transitar, a esfera experiencial permite desviar o olhar técnico-pesquisador às sensações transparecidas. Na feira, uma refeição de desjejum ou até mesmo o café da tarde são preenchidos por companhias, às vezes conhecidas, às vezes não. Neste contexto, bastou-lhes a disposição de sentar-se à uma bancada sob um barracão por não muitos minutos do fim de semana e a apropriação do lugar estava feita.

Deste modo, a feira é um espaço de socialização e de encontro de diferentes grupos sociais, onde se constroem hábitos compartilhados, sejam eles entre pessoas de um mesmo grupo social ou diante de alteridades. Portanto, espaço público por excelência, uma cidade com sentidos e valores coletivos, diretamente oposta ao não-lugar.

No processo de compra e venda há vocativos que passaram de geração a geração, outros recém-chegados à cidade, outros ainda que se deslocam semanalmente de suas regiões de origem para fazer a feira acontecer. De fato, são muitas as relações que se atravessam. No entanto, ainda que neste relato a experiência de campo seja abertamente valorizada por quem a descreve e na finalidade de expandir o entendimento sobre o objeto, as notas com aproximações técnicas não poderiam ser descartadas. Com setorizações diversificadas, os usos e localizações dos comerciantes se

entremeiam. Nos boxes, delimitações individuais onde as mercadorias são dispostas, pode-se encontrar produtos artesanais, alimentícios, plantas ornamentais, condimentos, vestuários e demais categorias (Figura 13). Os limites métricos determinados pelas divisórias são respeitados, e em maioria, bem aproveitados espacialmente.

Figura 13 - Exemplos de produtos vendidos nas feiras Centro e São José



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Embora dividam aproximações, divergem quanto a permanência de seus visitantes. Ao passo que uma instiga a continuidade da visita, outra se porta como um local de passagem. Tal divergência pode ter como pontos determinantes a localização e o horário de funcionamento. À medida que a primeira acontece aos domingos em um ponto geograficamente privilegiado, a do bairro São José ocorre às sextas-feiras e se localiza à borda da cidade, influenciando no fluxo. Outro fator a ser considerado é o da capacidade dos barracões, tendo o primeiro caso maior número de boxes. Entre a compra de hortaliças e temperos, o demorar se ganha na conversa, nos reencontros que acontecem. Com todos os seus traços, ambos os casos cumprem o papel de manifestação urbana ativa, coletiva, descentralizadora e resistente. Enquanto monumento, é documento de si mesma (LE GOFF, 1978).

Os autores da feira produzem coletivamente um espetáculo. A performance[5], isto é, o conjunto de ações que resultam no “ser feirante”, é muito vista nas barracas de pastel, por exemplo, onde trabalhadores atraem olhares devido o uso de cores vivas ou tipografias aplicadas aos uniformes, como quem faz parte de um mesmo organismo. O performar, presente em todos os casos aqui abordados, se mostra ainda na maneira de chamar atenção do cliente, no falar, no não falar, nos gestos e expositores.

Sem a intenção direta de anunciar, alguns feirantes vivenciam a feira do silêncio individual, pois pouco é presenciada a divulgação falada do produto, o que torna o espaço menos ruidoso tendo em vista o intenso fluxo de pessoas. Já visualmente, o chamamento é maior, o marketing e os aspectos visuais do espaço são construídos em detalhes.

Ao pensar o chão da feira como canteiro de obras, o feirante não poderia exercer outro papel senão o de arquiteto-construtor. No espaço destinado, as barracas são manualmente erguidas e majoritariamente compostas por estrutura metálica dobrável e lonas coloridas. No entanto, não é a única configuração existente, visto que os limites construtivos correm junto à criatividade do construtor, sendo assim, infindos. Os modos de ser, irão definir os modos de edificar. O próprio chão, caixotes, tábuas, mesas e até mesmo automóveis, que estão expressivamente no entorno (Figura 14), são utilizados como expositores, demonstrando a criatividade regularmente necessária e quão improvisador o performar do feirante pode ser.

Figura 14 - Presença de automóveis no entorno da feira



Fonte: Acervo da Autora (2023)

[5] Aprendizagens, experiências e demais ações que constroem o “ser feirante”, abordado amplamente no artigo científico “Fazer a feira e ser feirante: A construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano ” por Vedana (2013).

Devido a latente multiplicidade em um mesmo ambiente, os impasses são, naturalmente, solucionados de forma inventiva. Por isso, as adversidades cotidianas são superadas por gambiarras (Figura 15), onde seu autor busca materiais, técnicas e fontes alternativas, reafirmando o território simbólico e a conexão criada no espaço, capaz de fazê-lo descobrir novos meios de fazer.

Figura 15 - Uso improvisado de expositores e gambiarras



Fonte: Acervo da Autora (2023)

A exposição do produto à venda se faz também no próprio corpo (Figura 16). O mesmo que cria, é o que expõe, anuncia e efetua a venda, demonstrando a inventividade em seu esplendor. Ao contrário da estaticidade de uma mesa, caixote ou bancada, a corporeidade em movimento é assumida e vai ao encontro do público alvo. E assim como as estruturas, o corpo carrega marcas, sejam elas do tempo, das intempéries ou dificuldades. Por isso, os modos de fazer são vastamente explorados. Entre as engenhosidades, o pedaço de chão é ricamente aproveitado, e assim como as sombras, a espacialidade é construída e respeitosamente delimitada, tal qual a arquitetura fundamentalmente técnica. Enquanto construtor, um arquiteto corteja as previsões, circunstâncias, condicionantes e questões limitantes para a configuração espacial, ao passo que o feirante dança junto ao empirismo. O método de tentativa e erro o faz um construtor popular da efemeridade, e, ainda que não tome ciência disso, se transforma, de fato, em um agente da cidade. Suas ferramentas são as mãos e a rua, seu canteiro.

Figura 16 - O corpo como expositor de produtos



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Visto isso, as singularidades das feiras de rua foram igualmente captadas, sendo aqui descritas as localizadas nas avenidas Paraná e Melvin Jones, nesta ordem. A primeira é disposta junto à uma ciclovia, que transpassa a efemeridade acontecida, tornando-se uma passarela aos transeuntes, como também servindo de apoio ao feirante. O trecho demarcado pelo órgão municipal organizador vai da Av. Antônio Extekoetter à rua Ivan Máximo Alves, onde foram adicionadas ainda pinturas numéricas ao chão, aqui nomeadas de marca-chão, que tem por função a delimitação do espaço de cada barraca (Figura 17).

Figura 17 - Marca-chão da feira



Fonte: Acervo da Autora (2023)

A setorização também pode ser lida pelos usos, onde barracas que vendem produtos similares ou de uma mesma categoria são dispostas em um mesmo local. Na primeira metade, o transitar se faz em meio a barracas do ramo alimentício - pastel, tapioca, cachorro quente, entre outros - enquanto frutas, verduras, hortaliças e demais podem ser encontradas em uma área posterior da feira, por exemplo. Enquanto acontece como um conjunto, onde as marcas-chão vão coordenar o uso do seu interior, sua envoltória é composta por feições móveis, vendedores ambulantes e demais comerciantes itinerantes. Ainda que não adentrem, são também contemplados pelos compradores. Nesta cidade, temporariamente erguida, as margens são valorizadas.

Ao observar a infraestrutura local, notou-se que além da iluminação pública, as barracas possuem lâmpadas internas, que clareiam e tornam o conjunto visualmente mais atrativo ao anoitecer. O público apresenta diversidade etária, assim, o percorrer se mostra de variadas maneiras: andando a pé, em bicicletas, andando a pé com a bicicleta ao lado. Com carrinho de compras e inúmeras sacolas. Hora em passos lentos, hora com maior pressa. Dinâmicas similares são vistas na avenida Melvin Jones. Também contendo as marcas-chão e sendo uma via com comércio local já consolidado, a justaposição do fixo e do efêmero é notável. A mesma rua que recebe barracas, abriga em suas calçadas produtos de lojas varejistas existentes (Figura 18).

Figura 18 - Justaposição de comércios: Fixo e efêmero



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Esse encontro de tipologias comerciais pode ser entendido como conflituoso, visto que acontecem em um mesmo momento e fluxo. Contudo, ambos se abastecem do público passante. Uma múltipla relação de existência, permanência e resistência. Ainda sobre contrastes visuais, os automóveis e demais artifícios de apoio parados em meio a quem transita, retomam a consciência da estaticidade, que em um cenário que tanto se move, podem ser lidos como obstáculos. Ao rememorar as particularidades do corpo experienciando o caminho, há diferentes formas deste o fazer. Seja atento ou não, com o olhar ao chão, buscando a melhor forma de compra ou procurando o que ainda se encontra: a feira se abre aos diferentes tipos de percorrer (Figura 19).

Figura 19 - Diferentes formas de percorrer



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Retornando ao discorrer da performance, os saberes e fazeres vistos na feira muitas vezes são aprendidos em meio a vivência ou de fato com a disposição de alguém para ensinar. No decorrer das visitas de campo foi possível observar feirantes mais experientes, que na tentativa de passar adiante o conhecimento amadurecido no cenário em questão, utilizaram de ensinamentos práticos e visuais. Os menos experientes se abastecem de incentivos à so-

cialização e divulgação de produtos, que muitas vezes, são de autoria própria (Figura 20).

Figura 20 - Menina vendendo pulseiras com auxílio do avô



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Seguindo um roteiro de início, meio e fim, o desfecho do espetáculo logo chega. As barracas começam a ser desmontadas por duplas ou grupos de pessoas. As estruturas já desfeitas são então organizadas e postas em carros de médio a grande porte, geralmente do próprio dono da barraca. Quando não, motocicletas, bicicletas e demais meios de transporte se encarregam de auxiliar no desmontar do todo. Ainda quando acaba, permanece na rotina dos que a fazem, no processo de retorno às casas, no compromisso de persistir.

Evidente é o “antes e depois” da rua (Figura 21), um cenário é desfeito para que outro continue e assim outras vivências aconteçam. Os automóveis retomam o lugar de protagonistas da rua e a relação com o espaço em instantes é outra. As luzes se apagam e a cortina do espetáculo é fechada, no aguardo de um novo chamamento à fascinante efemeridade continuada.

Figura 21 - Antes e depois da rua com a feira



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Destarte, ao contemplar o objeto de estudo aqui profusamente apresentado, desdobram-se algumas ponderações. Tendo em vista a vivacidade urbana, como seria a sapiência experimentada neste meio menos valente que a estudada no âmbito acadêmico? As camadas da técnica e da experiência não têm de caminhar em conjunto? O enaltecimento do território funcional desconsidera as contribuições e valores que o simbólico carrega. Assim, notória é a relevância de apropriar-se qualitativamente de espaços públicos, enriquecer-se de suas particularidades e pessoalmente absorvê-los, visando ainda a revisão das formas que se documenta o urbano. Quem vive a cidade tem muito a dizer aos que apenas a idealizam de longe.



1.5. Considerações Parciais

Em suma, ao voltar o olhar sensível às feiras livres, fragmentos de seu consistente conjunto foram captados, compreendidos, e sobretudo, vividos. Refletir, analisar e reunir teorias sobre urbanicidade são ações, além de indispensáveis, fortemente fomentadoras do surgimento de novos pensares. Contudo, o chamamento ao pertencer, que tão somente a vivência consente, pode se tornar a força motriz de uma pesquisa.

O debruçar-se sobre a feira vilhenense permitiu ainda compreendê-la enquanto membro indissociável da cidade. Estrutura plural, potente e movente, que aproxima esferas muitas vezes dicotômicas como a relação urbano-rural, documentação técnico-experiencial, efemeridade e perpetuidade. Embora neste percorrer, lacunas documentais tenham sido encontradas, a tentativa de documentar encontrou outros caminhos. Assim, o urbanista enquanto agente que transforma e planeja, deve voltar-se às plurais formas de documentar a cidade, considerando suas diversas maneiras de expressão.

Indubitavelmente, ao se aproximar do objeto estudado, o corpo-pesquisador pôde propriamente percebê-lo. Permitir aproximações ao entorno, solicita a sensibilidade que arquitetos e urbanistas muitas vezes descartam. Desta forma, atender às evocações da feira popular, torna o individual, coletivo; limites em oportunidades e ruas em cidades. Sendo potente como é, não poderia ser menos do que ela mesma ou mais do que se escolhe ser.









Figura 22 - Feira São José à tarde
Fonte: Acervo da Autora (2023)





CAPÍTULO II:
HOJE TEM FEIRA!

2
Como se expressa

Esta pesquisa discriminou anteriormente características observadas, soluções em meio às adversidades do cotidiano e as plurais formas da feira popular se manifestar, no entanto, a dimensão de quem a produz e a relação da feira com a cidade também são instigações consideráveis. Para bem compreender o objeto de estudo, a abordagem de aproximação adotada foi a da experiência, aqui retratada não somente por palavras, mas por composições graduais expressas em um mural de processos (p. 34). Portanto, o espaço urbano foi sondado e absorvido próximo à escala de quem o vivencia.

Os estudos voltaram-se a quatro das seis feiras existentes em Vilhena-RO, as dos bairros São José e Centro e as que acontecem nas avenidas Paraná e Melvin Jones, sendo amostras de feiras em barracão e feiras de rua, respectivamente. O critério de escolha para análise foi o de aproximar-se daquelas já conhecidas e visitadas com maior frequência pela pesquisadora (identificação) e as de movimento mais intenso (instigação). Por ser repleto de sinestesia e situações observáveis, esse modelo de manifestação urbana precisou, além de visto de fora, ser experimentado de perto. Com isso, corporeidades e demandas subjetivas estiveram inerentes à quem pesquisou, aqui nomeada “corpo-pesquisador”.

Para contatos iniciais, foram realizadas visitas de campo divididas em respectivas três finalidades: observação/aproximação, fotografias e entrevistas. Os sentidos foram voltados, primeiramente, à características que chamavam a atenção, observando atentamente. Para isso, os olhos estiveram bem abertos às movimentações, à forma de lidar com o cliente e às mãos em contato direto com o produto, que decidiam se a oferta seria boa para aquele dia ou não. Os ouvidos, igualmente sensíveis aos cumprimentos cordiais, à surpresa dos reencontros e a divulgação anunciada dos produtos.

Somente a camada experiencial poderia proporcionar tantos entendimentos. “De fato, em todas as ciências, assim como nas indagações filosóficas, a vivência do princípio leva a melhor; é preciso viver se quisermos conhecer a doutrina.” (GEDDES, 1994, p. 148). No decorrer da primeira etapa, a feira foi primorosamente vista, para então ser capturada. Nesse sentido, a segunda etapa de visitas às quatro feiras contou com o auxílio de uma câmera fotográfica para registrar o que os sentidos já haviam, presumidamente, captado. Então, após a reunião de fotografias e criação de um acervo visual da pesquisa, o objeto de estudo passou a ser observado e inventariado sob a perspectiva imagética. Pensar a feira através da imagem conferiu ao processo a qualidade de pluralização na produção de conhecimento, uma vez que estudos urbanísticos e arquitetônicos tendem a limitar-se à austeridade epistemológica[1]. No entanto, a forma de observar o espaço diferenciou-se da primeira visita, tendo em vista o impedimento de capturar rostos nas fotografias, sem a devida autorização individual e institucional.

Por isso, o olhar através da lente cercou-se de receios e tensões. Tais impossibilidades foram diretamente transmitidas não só ao resultado final das fotografias, mas na maneira de enxergar detalhes, afinal, como descreve Merleau-Ponty (1964) não basta apenas pensar ao ver, pois a visão é um pensamento condicionado (apud Samain, 2012), um olhar ensinado. Do mesmo modo, as circunstâncias interferiram diretamente na relação olho-câmera-foto, pois conferiram à experiência principal uma “sub experiência” de se olhar enquanto olha o espaço. Assim, em momentos pontuais, a relação reconfigurou-se à pensamento- olho-câmera-receio--desvio-câmera-foto.

Paralela à isto, a consciência de acolher e compreender as subjetividades entremeadas ao processo foram fundamentais para uma vivência franca do espaço. De outro modo, a sub experiência se revelou uma inesperada forma de preparação para futuros processos. Durante esta segunda etapa, a feira foi registrada e, posteriormente, ouvida. Por fim, a terceira fase de visitas teve por principal foco a realização de entrevistas semiestruturadas, onde foram entrevistados seis feirantes nas quatro feiras já mencionadas, sendo quatro mulheres (Eliete, Rose, Graça e Fátima) e dois homens (Carlos e outro entrevistado que optou por não ter o nome divulgado na pesquisa). Todos relataram trabalhar em mais de uma feira por semana e possuir experiências nas duas tipologias de feira (de rua e de barracão), com dinâmicas diferentes.

Naturalmente, o perfil dos entrevistados se diferencia quanto à abertura na fala, que ora se mostrou expressiva e afetuosa, ora mais distante e cautelosa. Isto se dá às diferentes relações que estes estabelecem com o ambiente de trabalho e os fregueses. Assim, a diversidade de relatos é um eficiente indicador da pluralidade individual responsável por construir um mesmo conjunto. A biografia da feira é escrita por muitas mãos. Jacques (2015) reitera:

> A questão da narração, e do que chamamos de narrativas urbanas como forma de transmissão de experiências urbanas e, assim, de disputa entre macro e micronarrativas com relação à produção de subjetividades urbanas, é determinante. As narrativas urbanas, além de narrar, também “montam” cidades, ao produzir outras subjetividades urbanas (JAQUES, 2015, p. 80).

Se as narrativas que compõem a feira são numerosas, muitas mais são as memórias responsáveis por tecer a história urbana coletiva. Sendo uma atividade ancestral e diversamente praticada por distintos povos em todo o mundo, como ela acontece na contemporaneidade? Pois, de fato, para que se erga, mãos dispostas e determinadas precisam se empenhar fervorosamente.

[1] Epistemologia é o campo da filosofia que estuda as diferentes formas pelas quais o ser humano adquire conhecimento.

Diante disso, este livro de memórias é costurado por contribuições de valorosos agentes propulsores das feiras de Vilhena. Os relatos dos entrevistados irão entremear as narrativas, não só as abrilhantando, mas auxiliando diretamente na construção e reestruturação destas. Mas o que move a feira? De quais maneiras ela permanece? Por trás de inícios e ações, há sobretudo, uma intenção impulsora. Aqui não será apreciado apenas o caráter mecânico do erguer das estruturas e formas de uso do espaço, mas a enunciação de quem o faz, daquelas que podem ser consideradas a alma da feira: as pessoas. Por que fazer parte? O que motivou a primeira chegada e o ímpeto de continuar? À vista dessa reflexão, captar memórias e assimilá-las com a diligência e sensibilidade cabíveis, avoluma as raízes dessa amostra tão expressiva, que estampa a identidade cultural da cidade.

> **Toda vida minha mãe trabalhou com feira, foi feirante. Aí eu vinha ajudar eles e vim embora pra cuidar dela e ajudar eles, aí eles faleceram e eu continuei! Como a gente já tá numa idade que... não consegue um emprego, aí falei "Ah, vou continuar o legado da minha mãe!".**
>
> - Dona Graça

> Como a senhora começou?
>
> **Sei que alguém me incentivou... acho que foi minha filha, que disse "Mãe, por que você não entra numa feira?". Eu falei: "Vamos tentar!"**
>
> - Dona Fátima

Notadamente, pode-se concluir que os inícios também estão nas continuações. Iniciar o novo capítulo de uma história em valor à continuação de outra é uma realidade na feira, muitos estão presentes para continuar um empreendimento iniciado por amigos ou familiares. O sentido de colaboração, recorrente na vida familiar, se estende para a rotina da feira, tornando colegas de trabalho aqueles que dividem, também, o lar. Com efeito, são muitas as percepções que a feira pode gerar.

Mesmo o corpo-pesquisador tendo um olhar condicionado, este foi subdividido em pílulas instigadoras, formas de olhar a feira e como se expressa, intituladas em: De longe, De perto, Cheios, Vazios, Coberturas, A realidade presente, Formas de percorrer, Automóveis, Caixotes, Gambiarra, O corpo como expositor, No chão, No alto e Na memória. Reconhecendo suas potencialidades e contribuições para estudos arquitetônicos, urbanísticos, culturais, históricos e antropológicos, buscou-se olhar para uma direta propulsora da reflexão sobre a cidade, e, na investida de abraçar o complexo, relembrar que hoje tem feira!



Figura 23 - Caldo de cana
Fonte: Acervo da Autora (2023)

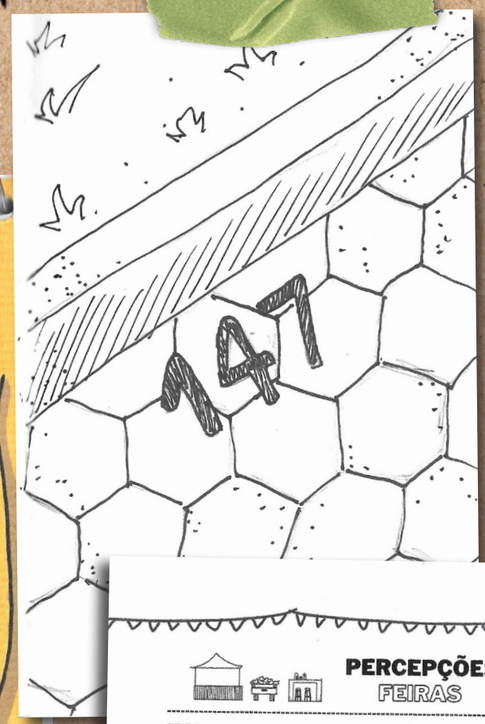
2.1 MURAL DE PROCESSOS

ESBOÇO FEIRA



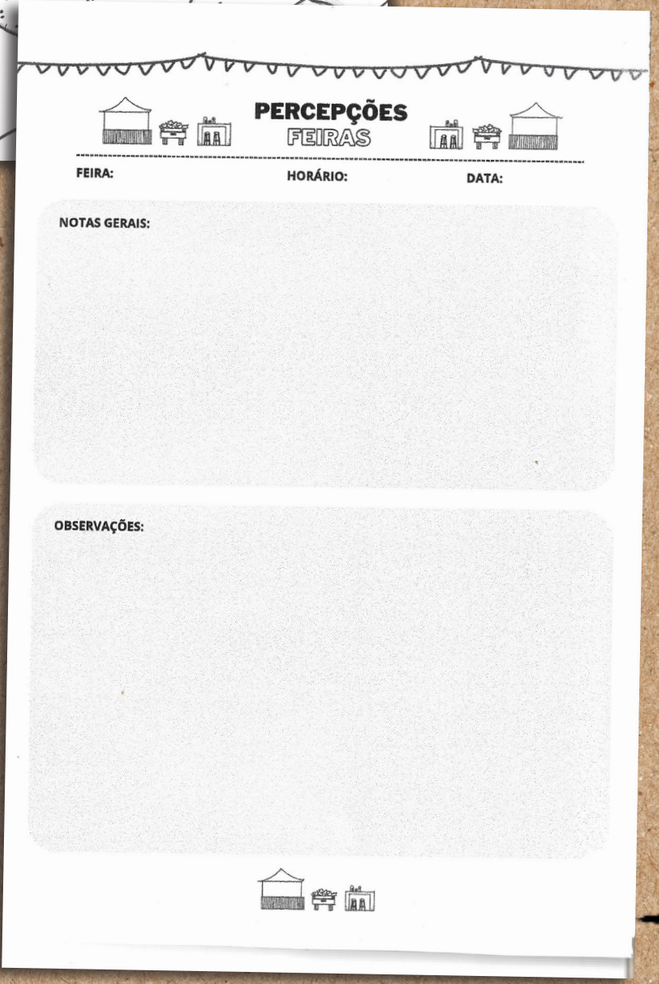


MARCA - CHÃO











Mercado: cores, sabores e odores





↳ DIÁRIO DE BORDO

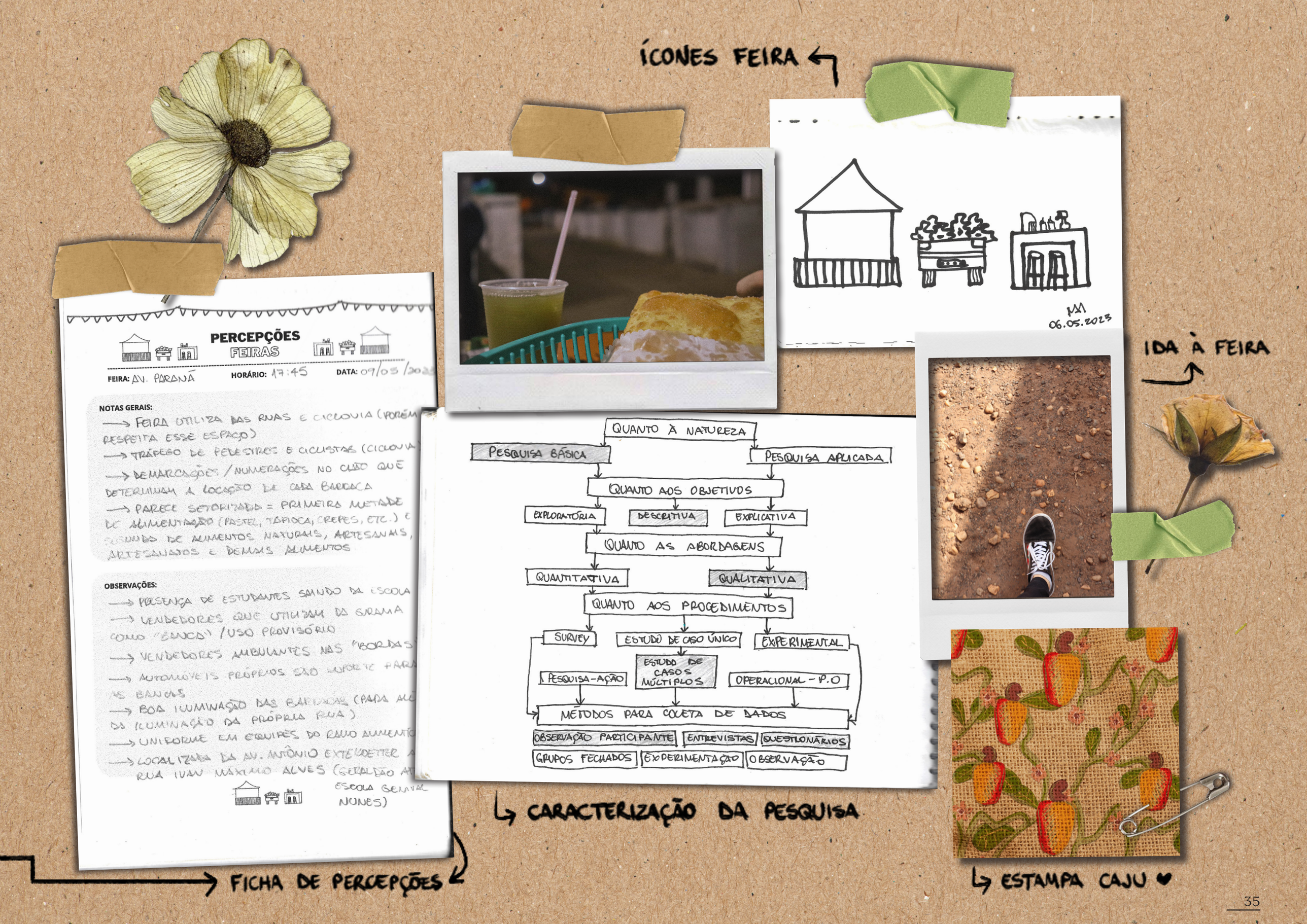

ÍCONES FEIRA
PERCEPÇÕES FEIRAS
FEIRA: AV. PARANÁ
HORÁRIO: 17:45
DATA: 09/05/2023
NOTAS GERAIS:
→ FEIRA UTILIZA DAS RUAS E CICLOVIA (PORÉM RESPEITA ESSE ESPAÇO)
→ TRÁFEGO DE PEDESTRES E CICLISTAS (CICLOVIA
→ DEMARCAÇÕES / NUMERAÇÕES NO CHÃO QUE DETERMINAM A LOCAÇÃO DE CADA BARRACA
→ PARECE SETORIZADA = PRIMEIRA METADE DE ALIMENTAÇÃO (PASTEL, TAPIOCA, CREPES, ETC.) E SEGUNDA DE ALIMENTOS NATURAIS, ARTESANAIS, ARTESANATOS E DEMAIS ALIMENTOS
OBSERVAÇÕES:
→ PRESENÇA DE ESTUDANTES SAINDO DA ESCOLA
→ VENDEDORES QUE UTILIZAM DA GRAMA COMO "BANCA" / USO PROVISÓRIO
→ VENDEDORES AMBULANTES NAS "BORDAS"
→ AUTOMÓVEIS PRÓPRIOS SÃO SUPORTE PARA AS BANCAS
→ BOA ILUMINAÇÃO DAS BARRACAS (PARA ALÉ DA ILUMINAÇÃO DA PRÓPRIA RUA)
→ UNIFORME EM EQUIPES DO RAMO ALIMENTÍC
→ LOCALIZADA DA AV. ANTÔNIO EXTERCOETTER A RUA IVAN MÁXIMO ALVES (GERALDÃO AT ESCOLA GENIVAL NUNES)
06.05.2023
IDA À FEIRA
QUANTO À NATUREZA
PESQUISA BÁSICA
PESQUISA APLICADA
QUANTO AOS OBJETIVOS
EXPLORATÓRIA
DESCRITIVA
EXPLICATIVA
QUANTO AS ABORDAGENS
QUANTITATIVA
QUALITATIVA
QUANTO AOS PROCEDIMENTOS
SURVEY
ESTUDO DE CASO ÚNICO
EXPERIMENTAL
ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS
PESQUISA-AÇÃO
OPERACIONAL - P.O
MÉTODOS PARA COLETA DE DADOS
OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE
ENTREVISTAS
QUESTIONÁRIOS
GRUPOS FECHADOS
EXPERIMENTAÇÃO
OBSERVAÇÃO
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA
FICHA DE PERCEPÇÕES
ESTAMPA CAJU

Figura 24 - Montagem "No chão"
Fonte: Acervo da Autora (2023)



↳ NO CHÃO

Figura 25 - Montagem "De perto"
Fonte: Acervo da Autora (2023)



↳ DE PERTO

Figura 26 - Montagem "Vazios"
Fonte: Acervo da Autora (2023)



↳ VAZIOS



Figura 27 - Montagem "No alto"
Fonte: Acervo da Autora (2023)

↳ NO ALTO



Figura 28 - Montagem "De longe"
Fonte: Acervo da Autora (2023)

↳ DE LONGE



Figura 29 - Montagem "Cheios"
Fonte: Acervo da Autora (2023)

↳ CHEIOS



Figura 30 - Montagem "Coberturas"
Fonte: Acervo da Autora (2023)

↳ COBERTURAS





Figura 31 - Montagem "Gambiarra"
Fonte: Acervo da Autora (2023)



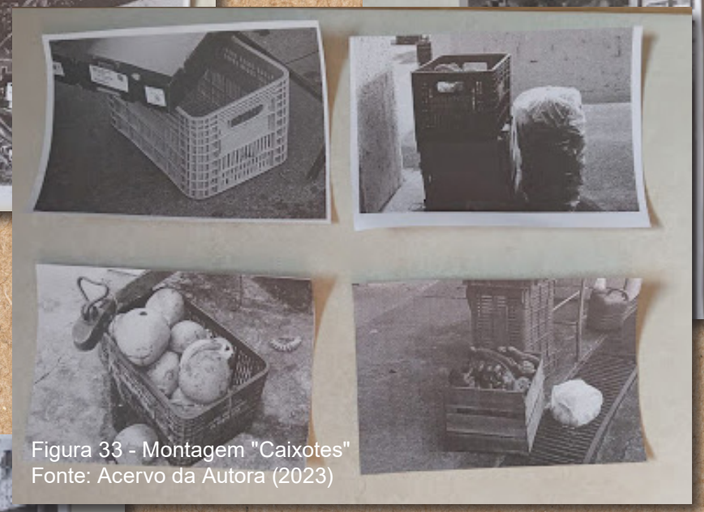
↳ GAMBIARRA

Figura 32 - Montagem "Automóveis"
Fonte: Acervo da Autora (2023)



↳ AUTOMÓVEIS

Figura 33 - Montagem "Caixotes"
Fonte: Acervo da Autora (2023)



↳ CAIXOTES

Figura 34 - Montagem "Caixotes"
Fonte: Acervo da Autora (2023)



↳ O CORPO COMO EXPOSITOR

Figura 35 - Montagem "A realidade presente"
Fonte: Acervo da Autora (2023)



↳ A REALIDADE PRESENTE



Figura 36 - Montagem "Formas de percorrer"
Fonte: Acervo da Autora (2023)



↳ FORMAS DE PERCORRER

Figura 37 - Montagem "Assentos"
Fonte: Acervo da Autora (2023)





→ ASSENTOS



Figura 38 - Laranjas
Fonte: Acervo da Autora (2023)

2.2 De Longe



É a primeira forma que se vê a feira, de longe, de fora, como um todo, ou estaria o "todo" em seu meio? "Hoje tem feira!", é vendo de longe que se recorda, podendo ser esta uma alusão a distância espacial ou a memória. A feira convida? E quando convida, recebe bem? Os convidados deste espetáculo urbano o transpassam de formas distintas, obtendo experiências diversas, e, não saindo de uma mesma forma, logo a deixam. O demorar pelos encontros e o "só dando uma olhadinha" frente a frente.

Ao observar todo o conjunto de fora, as estruturas, além da intensa movimentação, chamam atenção e fazem refletir sobre as possibilidades da manipulação espacial. Ao adentrar a feira, nota-se uma organização pré-determinada das barracas, onde a aproximação de barracas de pastel, tapioca e pão de queijo formam uma praça de alimentação em uma extremidade, enquanto outros produtos são dispostos posteriormente.

Anterior à realidade atual, a feira funcionava sob uma setorização mista de usos, ainda que os espaços fossem delimitados para cada feirante individualmente. A setorização e diversidade de usos na feira deve ser considerada de forma a integrar e valorizar os produtos, tendo em vista o caminho a ser percorrido, assim como os bairros de Jacobs (2011):

> A maioria identifica-se com um lugar da cidade porque o utiliza e passa a conhecê-lo quase intimamente. Nós nos movimentamos por ele com os pés e acabamos dependendo dele. O único motivo para as pessoas fazerem isso é se sentirem atraídas por particularidades das redondezas que se mostram úteis, interessantes e convincentes. Quase ninguém vai espontaneamente de um lugar sem atrativos para outro, idêntico, mesmo que o esforço físico seja pequeno (JACOBS, 2011, p. 141-142).

Embora o consumidor possa ir à feira em busca de produtos específicos, ao percorrê-la, estando essa setorizada de forma mista, poderá conhecer e encontrar outros produtores e mercadorias. Contudo, apesar de plural, a disposição do que é vendido nas bancas deve ser, sobretudo, coerente, para que assim a coexistência de diferentes categorias seja possível de maneira a beneficiar tanto os feirantes quanto seus fregueses.

2.3 De Perto

O processo de documentar algo necessita do olhar, e, na espera de ser olhado de volta, notar a complexidade no simples. Se aproximando é que os detalhes são vistos, vividos. São percebidos os retalhos, que, ao serem costurados, formam as relações - de troca, de vivências, as vendas, experiências. De perto é que se notam os chamamentos, as rotinas e os saberes latentes. De perto é que se vêem as marcas do trabalho, as marcas dos produtos e as marcas deixadas. De perto se vê a dedicação e o cuidado, impressos na embalagem ou no nome criado.

Para além do olhar sobrepujante do arquiteto, "olhar de pássaro", que analisa mapas e gráficos, deve estar o olhar atento e aberto, ou abrangente, que se desprende um pouco das amarras da técnica epistemológica e acrescenta a sensibilidade da perspectiva própria. Se inserir como espectador e dividir a dimensão do objeto estudado, deixar-se aproximar daquilo que é observado e ser observado de volta. Por isso, mais do que olhar os meios e formas, é fundamental olhar quem produz estes meios e formas, enquanto também se olha.

O feirante, seja ele um pequeno produtor, parceiro ou atravessador, faz a feira acontecer junto ao passante. Sem a oferta, de nada adiantaria a procura. Sem a disposição de empreender, a inventividade em solucionar e os incentivos externos, a feira ainda estaria viva?

> Se tira o pequeno produtor da feira, aí acaba!
> - Feirante Anônimo

Nesta discussão, não se tem a intenção de romantizar a feira, muito menos de caracterizá-la considerando somente os momentos positivos, de encontros e relações criadas. É preciso reiterar a feira como uma rica forma de comércio, não pretendendo retirar dela esta camada.

> Tudo é parceria, a gente vai dividindo o lucro. Quem planta ganha um pouco, quem vende ganha um pouco, quem transporta... todo mundo vai vivendo.
> - Seu Carlos

Na verdade, muito do que se vê exposto, pronto para a venda, é a ponta final de todo o processo. Para que as hortaliças estejam saudáveis e atrativas ao comprador, um semeador precisa plantar, para que então, em tempo adequado, sejam colhidas. O produto é transportado e chega ao vendedor-parceiro-atravessador, que o recebe e então somente repassa ao comprador. Portanto, ainda que não visto por quem compra, todo o processo e os bastidores da feira, existem e precisam fluir para que este tipo de mercado continue a existir, continuidade essa há tempos ameaçada.

> Olha, no começo era muito melhor, as vendas eram bem melhores que hoje em dia, porque hoje o que atrapalha são os mercados, mais mercado, mais opção no mercado. [...] Dificulta bastante as vendas por aqui, tem que vender mais caro que no mercado, aí o feirante não tem mais essas venda boa que era antigamente.
> - Feirante Anônimo

A feira enquanto ambiente de trocas econômicas, possui a fragilidade de estar inserida no sistema capitalista, que favorece a concentração de renda e implica vantagens aos concentradores. Não possui uma dimensão de "dono", sendo assim uma forte descentralizadora econômica, que dá voz e maior autonomia àqueles que a propagam.

2.4 Cheios

Figura 39 - Cheios



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Espaços montados, produtos expostos, vendedores à espera de seus clientes: é dia de feira! Com tudo pronto para começar, as cortinas do espetáculo são abertas. Nas mais variadas bancadas é possível encontrar diversificados produtos: alimentícios, artesanais, perfumaria, brinquedos, ornamentos, entre outros. As diferentes cores, texturas e formas chamam atenção, assim como os anúncios, conversas e negociações (Figura 39). Além disso, não só de produtos a feira se preenche, a característica multidão que a compõe relembra sua potência enquanto promotora de encontros. Movimento. A feira é uma movimentação de saberes.

Como notado, a sociabilidade está tão presente quanto as frutas e verduras, esta não falta em nenhum dos dias. Os cumprimentos afetuosos e a alegria dos reencontros é facilmente vista, pois os encontros semanais - por vezes diários - geram laços, onde fregueses frequentes se tornam amigos dos vendedores, que em meio as vendas demonstram-se abertos à assuntos tangentes e tornam a experiência de compra única.

> **É assim que a gente trabalha! Fazendo amizades, levando o melhor produto, falando do produto, não enganando as pessoas! Não adianta! Você vender um produto que não tem qualidade, é só uma vez!**
>
> - Dona Rose

As amizades, sejam elas recentes ou de longa data, retratam a resiliência intrínseca aos personagens desse espetáculo urbano. Junto da feira, resistem ao tempo, dificuldades decorrentes à idade e adaptações à contemporaneidade, mas entre demais motivos, as relações estabelecidas os incentivam fortemente a continuar, ainda que em momentos sensíveis.

> **A gente tem uma amizade de longa data, a gente chegou em 80 aqui, o pessoal foi chegando, conhecendo, né? E muita gente daquela época hoje é cliente da gente, então às vezes a gente tá meio cansado mas vem pelos clientes.**
>
> - Seu Carlos

Afirmações como as de Carlos foram ouvidas mais de uma vez durante as entrevistas, retratando a importância deste espaço para os feirantes como opção de lazer para além do trabalho, tendo em vista que alguns fazem parte da terceira idade. Assim, a convivência se mostra uma grande aliada a permanência da feira no meio urbano e fomento do uso de espaços públicos.

> Qual a importância da feira pra senhora hoje?
>
> **Ah, é a convivência. Se eu vendo ou não vendo, pra mim tá bom demais.**
>
> - Dona Fátima

> **Por exemplo, quando eu fiquei de luto eu não vim trabalhar nenhuma vez, eu fiquei quase um ano sem vir, quando voltei, meu Deus, o que veio de amigo aqui conversar comigo e me dar força! Então, isso que ajuda a gente, né? Aí estar sempre conversando com um, com outro, trocando ideia, é maravilhoso! É um momento bom!**
>
> - Dona Rose

Como visto, as feiras populares não estão apenas cheias de produtos vistosos, que enchem os olhos e atraem clientes, mas repletas de histórias e memórias ímpares abrigadas em recantos poucos acessados, à espera de serem cuidadosamente vislumbradas.

2.5 Vazios

Figura 40 - Vazios



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Multidão, pessoas passando em distintas direções, vendedores ambulantes dividem espaço com os passantes. A feira é sinônimo direto de movimento, difícil é distanciá-la do barulho e agitação inerentes. Embora tenha uma organização própria, é muitas vezes associada à desordem, bagunça: “virou feira!”. No entanto, a grande movimentação só é possível pelo contato direto entre as pessoas. É de perto que tudo acontece, diferente de outras atividades comerciais que podem se adaptar a modelos híbridos quanto a presença física, esta não, ela se diferencia pelo contato direto, visto nas relações produto-cliente ou até mesmo feirante-cliente. Elucidando assim o viés de aproximação inerente à feira popular. Aproximar. Se deixar aproximar. Se deixar atravessar por subjetividades, Dias (2021) consolida:

> As feiras são propícias à proximidade e ajuntamento, evocando uma ambiência de aglomeração pelas suas características próprias, seja em um local mais fechado ou sendo organizadas em ruas. Suas barracas formam corredores estreitos onde se dispõem mesas, cadeiras, bancos e outros objetos. Nelas costumam circular grande fluxo de passantes, carrinhos-de-mão, carros de ambulantes, todos disputando espaço. Entende-se que o motivo primordial de ir à feira surge da necessidade de compra e venda, mas a essência dessa venda também é a proximidade (DIAS, 2021, p. 110).

Mas não só pelo grande fluxo de pessoas e o burburinho intenso que a feira é caracterizada. O vazio, o silêncio e a falta se expressam quando ela se aproxima do fim ou nos fragmentos do seu erguer-se. As lacunas se mostram ao passo que a movimentação decai. Além do habitual fim de feira, o vazio pode ser provocado por outros acontecimentos, como entre os anos de 2020 e 2022, onde o mundo enfrentou um cenário pandêmico.

Logo, como outros meios de produção, a feira foi diretamente afetada por este cenário. As ruas que antes paravam para que ela surgisse, estreitaram seu fluxo para todos os outros usos. As bancas antes fartas e expressivas, passaram a tomar os espaços abstratos da memória individual. Em um contexto tão incerto como o da pandemia da Covid-19, se tornou cada vez mais difícil visualizar um futuro possível e menos limitante quanto o de antes. A feira do pós-pandemia é consequentemente menos populosa.

> Hoje num tem 30% dos que tinha. O entusiasmo... mas isso aí é o seguinte, a gente tá falando de uma coisa antes da pandemia e pós-pandemia, tudo o que se for falar hoje não pode esquecer a pandemia.
>
> - Seu Carlos

> Hoje, depois da pandemia, caiu quase 90% do movimento da feira, depois da pandemia. Antes da pandemia era bem melhor as feiras.
>
> - Dona Graça

> As feiras hoje não chegam nem na metade do que era lá no começo, pode se falar que a feira tá se acabando... Sim, a pandemia, talvez... Ih, depois disso aí, minha filha, foi só cada vez mais fraca.
>
> - Dona Eliete

Embora a pandemia tenha cessado, quem por ela passou, mesmo que não tenha contraído o vírus, não esteve ileso. Por volta de 2 anos a população, a feira, a cidade, o mundo, pararam, mas os reflexos comportamentais desse ócio seguem cintilando mesmo após seu fim, ainda que interiormente. Sem os passantes, chamamentos e ofertas, o ambiente é tomado não só pelo vazio visível, mas pelo silêncio, que, além de audível, é totalmente gritante. Os efeitos sinestésicos e sensoriais da feira são tão intrínsecos a ela, que quase não são notados quando vividos, porém, a falta destes é enormemente barulhenta. Silva (2021) aponta:

> O silêncio e o vazio possibilitaram o afloramento de uma nova ambiência, de uma nova atmosfera com qualidades distintas para cada lugar. [...] Se consideramos que há paisagens olfativas assim como também sonoras, gustativas, afetuosas... então tudo se transformou quando as pessoas não estão nas ruas (SILVA, 2021, p. 131).

Ruas vazias, a necessidade de permanecer em casa e o crescimento do trabalho homeoffice: a realidade de muitos. Mesmo com o fim da pandemia e maior segurança para aglomerações, a capacidade da população de se espalhar e preencher espaços públicos foi reduzida, uma resposta natural frente um cenário pós-pandêmico dual de comodismo confortável e ansiedade pela volta. Com isso, os hábitos de utilização dos lugares coletivos não só mudaram como diminuíram.

> **Porque uma história é antes e outra história é depois, esse fracasso todinho aqui veio depois da pandemia. A gente tem memória da feira lotada.**
>
> - Seu Carlos

Neste contexto, a feira se viu frágil, afrontada, mas sem tantas escapatórias, precisou parar. No entanto, a pandemia não foi a primeira e não será a última a desafiar os desdobramentos da feira popular.

2.6 Coberturas

Por também ser construída na rua, é contornada de inúmeras imprevisibilidades do cotidiano, incluindo a impiedosa ação das intempéries. Com clima tropical chuvoso e índice pluviométrico de 2.170 mm/ano (EMBRAPA, 2002), Vilhena recebe chuvas abundantes, e, ao passo que irrigam o solo dos pequenos produtores, frustram os dias de feira. Se assemelhando aos componentes básicos de uma construção, com apoios e uma cobertura, percorrer a feira é encontrar a arquitetura popular fortemente expressa. As coberturas vão desde as mais elaboradas, como as dos barracões metálicos onde ocorrem as feiras dos bairros São José e Centro, até tecidos, guarda-sóis e demais materiais improvisados.

> **Aí eu levava barraca, levava tudo, montava lá e tudo e trabalhava assim. E quando vinha aquela chuva na Melvin Jones? Teve um dia que eu 'tava' lá, montada minha barraca, a chuva veio e arrancou tudo.**
>
> - Dona Rose

As coberturas que se vêem de longe reafirmam a presença da feira, mas ela não é persistente e taticamente teimosa por si só. Os feirantes que se dispõem a trabalhar em mais de uma feira por semana e principalmente nas de rua, enfrentam desafios como os ventos e as águas em períodos de chuva. Desta forma, a presença de uma cobertura não é a plena garantia de proteção ou conforto. Como toda expressão de arquitetura popular, essa também passa por desafios e necessidade de improvisos.

Como relatado, as feiras de rua, por claras razões de exposição direta, são as que mais sofrem diretamente com a ação de intempéries. O corpo-pesquisador pôde experienciar o desdobramento e as transformações do corpo da feira em meio a um dia de chuvas impetuosas. Nas avenidas Paraná (Figura 41) e Melvin Jones, as águas em poucos minutos atingem os tornozelos, espantam os clientes, obstruem os corredores de passagem e preocupam os donos dos produtos, que precisam refugiar-se sob as lonas e estruturas metálicas à espera do fim, como tartarugas escondidas no casco.

Figura 41 - Feira avenida Paraná sob forte chuva



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Sem tantas possibilidades para solução, a primeira investida é a de garantir a integridade das mercadorias, após isso, a espera do fim, da chuva e da feira. Ao depender da duração e quantidade de água a cair do céu o fim da feira já está feito. A volta para casa é menos satisfatória do que em outros dias, as poças e correntes de água nas ruas dificultam ainda mais a desmontagem e o deslocamento até em casa.

A rua reflete a forma como se trata a feira e a própria cidade. É comum que em poucos minutos, a pavimentação de ruas locais e coletoras esteja invisível, pois os rastros das grandes chuvas a cobrem facilmente. Não encontrando caminhos de escoamento, o alagamento é a resposta imediata. Estes acontecimentos, recorrentes no período chuvoso de Vilhena (setembro à março), podem ser agravados por lacunas no planejamento urbano da cidade, que atualmente, não possui uma taxa de área permeável mínima aos construtores, criando ilhas de calor e dificultando o escoamento adequado de águas pluviais.

Considerando os altos índices pluviométricos de Vilhena em um curto período de tempo, soluções técnicas como esta, devem ser avaliadas para assegurar não somente o uso qualitativo do solo em zona urbana, mas o controle e cuidado com a expansão espraiada. O zelo pelas ruas reflete diretamente na permanência das feiras e na resiliência da cidade, que pode se recuperar mais rápido após um temporal, com áreas permeáveis consideráveis e escoamento direcionado. Ainda que o relevo de Vilhena seja considerado plano, a cidade possui, naturalmente, áreas mais baixas, estando a avenida Melvin Jones em uma delas.

Por isso, devido à localização, a avenida em questão que recebe a feira às quartas-feiras, torna-se uma receptora das águas pluviais e é rapidamente encoberta pelo considerável fluxo. Desta forma, os feirantes abrigam-se da maneira que podem sob suas barracas, que por vezes são prejudicadas não só pela chuva, mas por fortes ventos. A paisagem é então transformada em segundos, as coberturas são ligeiramente encolhidas (conforme descrições anteriores) e a feira se adapta às condições.

As cores e texturas se tornam secundárias em meio aos tons azulados e escuros das nuvens carregadas e do chão molhado. Os retalhos aqui reunidos expressam a flexibilidade exigida de ambas (da rua e da feira). Essas transformações foram elucidadas nas colagens a seguir, onde a feira é primeiramente expressa de forma alusiva ao cotidiano (Figura 42), com produtos expostos e transeuntes passando.

Em seguida, com o início da chuva (Figura 43), a paisagem começa a se transformar. A movimentação diminui e ao mesmo tempo se apressa em busca de refúgio. Por fim, o fluxo que antes era de pessoas se torna um intenso fluxo de águas (Figura 44), que logo cobrem o leito carroçável e a faixa visível da pavimentação.

A feira para a rua e a chuva faz a feira parar por instantes. Fazendo a leitura do QR Code disponibilizado, é possível visualizar um gif animado que transmite a transformação visual da paisagem da feira em meio a chuva.



Figura 42 - Colagem feira Melvin Jones
Fonte: Acervo da Autora (2023)

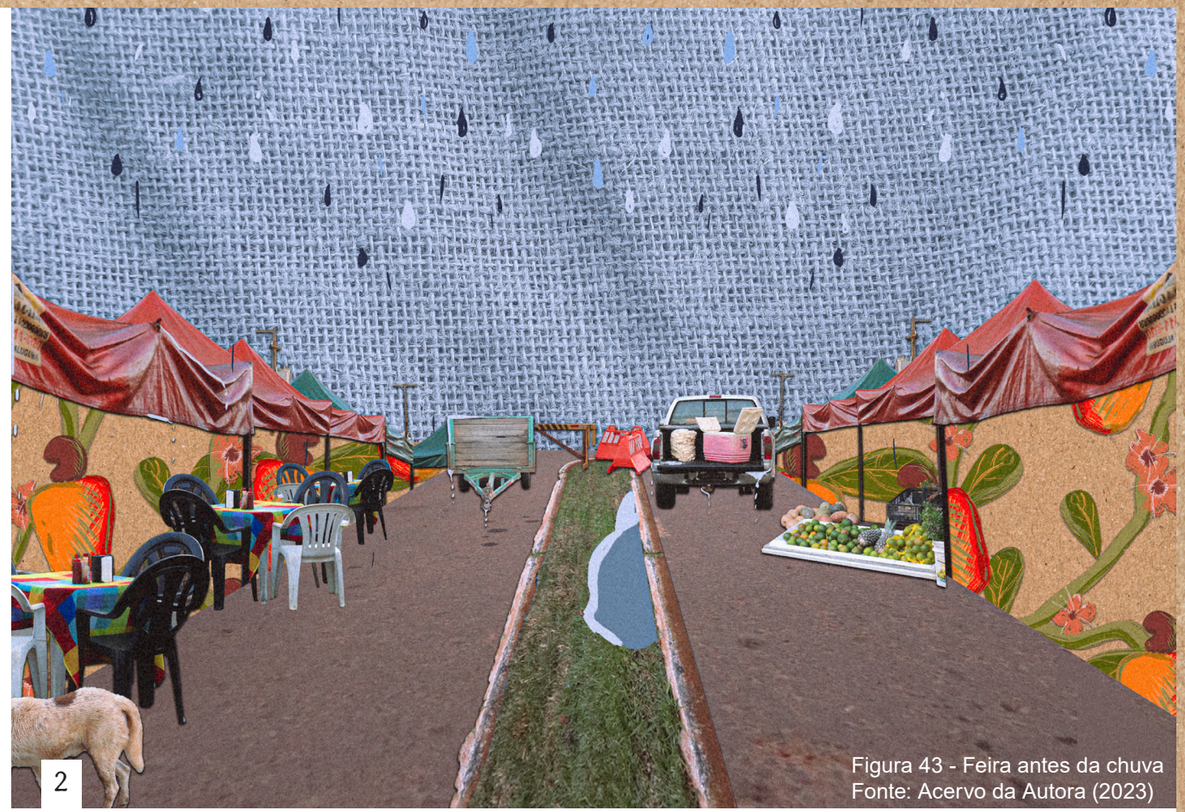


Figura 43 - Feira antes da chuva
Fonte: Acervo da Autora (2023)

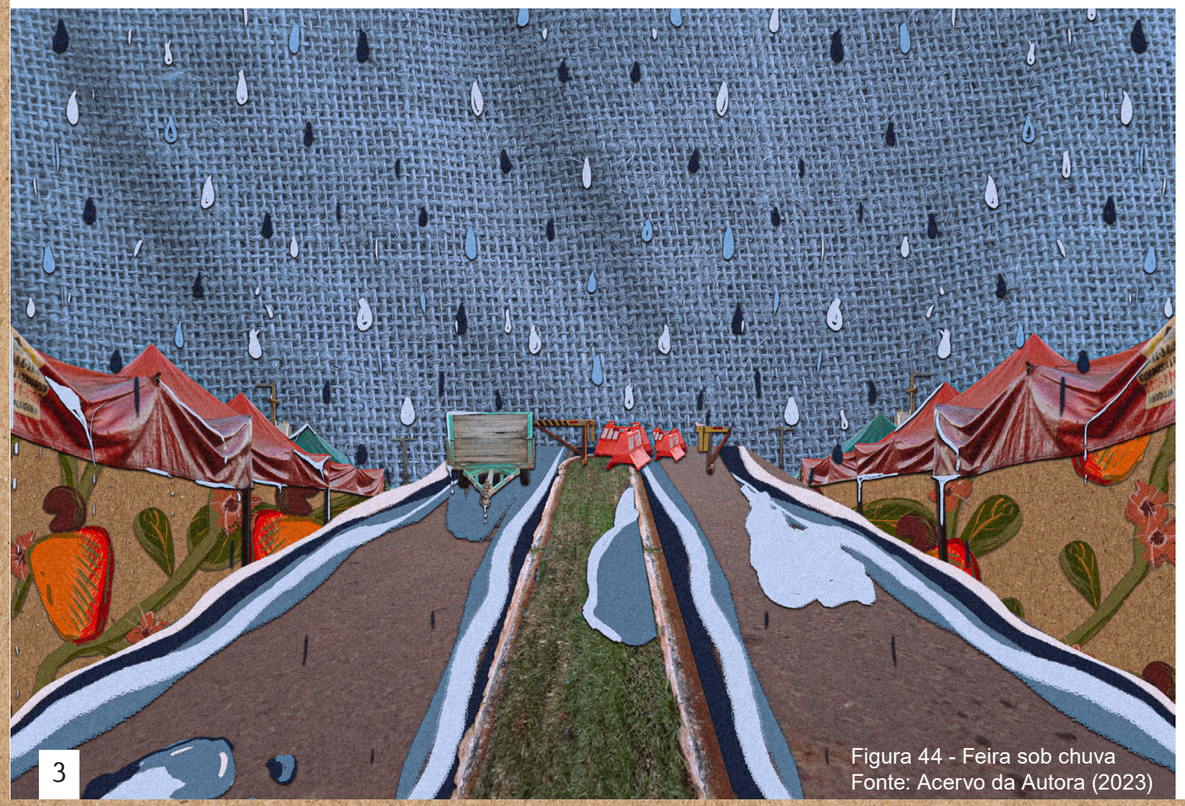


Figura 44 - Feira sob chuva
Fonte: Acervo da Autora (2023)

QR Code de acesso ao GIF
"Feira sob chuva"

*Aponte a câmera do celular para o QR Code, faça a leitura deste e tenha acesso ao GIF

2.7 Realidade presente

Figura 45 - Animais de rua nas feiras



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Na experiência de olhar, também é visto o indesejado: a realidade presente. Em todas as feiras visitadas estavam presentes animais em situação de rua (Figura 45), alimentados por sobras, descuidados e afugentados. Às margens, em lugares não olhados, estão à espera de toda e qualquer atenção. Como visto nas reflexões sobre coberturas (pág. 43) onde a feira se mostra frágil, ela ainda é capaz de acolher outras fragilidades urbanas, como a dos animais. Portanto, não são só corpos humanos que experienciam a feira, mas cachorros e gatos, e de fato, a experiência não favorece a todos, neste caso, bom seria que nela não estivessem permanentemente, mas apenas de passagem. Como a cidade trata quem está à margem? Com pequenos ajustes e trocas de palavras, este texto poderia ser sobre pessoas. Na experiência de olhar, também são vistos os “indesejados” (pela sociedade).

2.8 Formas de percorrer

O termo “caminhar” foi substituído neste estudo pelo termo “percorrer”, uma vez que ao experienciá-la, a feira se mostrou igualmente receptiva às pessoas em cadeiras de roda, carrinhos, cadeiras motorizadas, muletas e demais órteses que pluralizam as aproximações. Sendo um grande festival de cores, texturas e formas, pode ser ainda percorrida com o olhar, assistida de perto ou de longe. Os sons, as músicas em caixinhas à venda, o burburinho da aglomeração e a locução à plenos pulmões das promoções indicam ao passante que está próximo a ela. Contudo, antes de enaltecer as formas alternativas de percorrer, deve-se retomar que a feira fortalece ainda o primordial conceito de que a cidade deve ser voltada às pessoas e incentiva o uso de espaços públicos para o bem comum, prática de atividades de lazer, comércio e expressão cultural. Ao reconhecer a necessidade de revigorar o meio urbano, Jan Gehl (2010) afirma:

> Não é de estranhar que a estreita ligação entre uso do espaço público pelas pessoas, a qualidade desse espaço e o grau de preocupação com a dimensão humana seja um padrão geral que pode ser visto em todas as escalas. Assim como as cidades podem convidar as pessoas para uma vida na cidade, há muitos exemplos de como a renovação de um único espaço, ou mesmo a mudança no mobiliário urbano e outros detalhes podem convidar as pessoas a desenvolver um padrão de uso totalmente novo (GEHL, 2010, p. 16).

Não só por estar nela, mas por fazer parte da cidade, a feira tem a força de despertar o pertencimento, a apropriação do espaço público e voltar olhares para a rua. O que parece uma simples passagem cotidiana e comum, pode se tornar uma experiência frente um mural diagnóstico de como a municipalidade está, ou não, conduzindo o meio urbano. A maneira como a rua corresponde às instigações da feira e se relaciona com quem por ela passa, demonstra a capacidade de renovação do espaço por quem dele se sente parte, onde as pessoas acabam por ser, ao mesmo tempo, usuárias e fiscais de um mesmo ambiente coabitado.

2.9 Automóveis

Figura 46 - Automóveis



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Além dos transeuntes, algo que marca a imagem da feira é a presença de automóveis no seu entorno (Figura 46). Embora possua características de espraiamento como já citado anteriormente, Vilhena enfrenta déficits quanto ao transporte público, sendo este quase inexistente. De mesmo modo, baixos são os incentivos à mobilidade ativa, visto que as ciclovias existentes são poucos preservadas.

Barrados na entrada, esses convidados, diferente dos primeiros, só podem adentrar ao espetáculo urbano quando dão suporte ao feirante. Logo, não são a prioridade nesse cenário. São meios de locomoção para chegar até a feira, abastecem-na de insumos e levam embora os descartes resultantes de mais um dia. Com isso, a feira é um dos singulares momentos em que os automóveis perdem o espaço e o protagonismo na cidade. O carrocentrismo é evidenciado, mas não como principal e sim como um personagem secundário (assim como neste conjunto de reflexões). O caminhar pode estar acenando uma saída.

2.10 Caixotes

Figura 47 - Caixotes e o improviso



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Neste cenário provisório, caixotes assumem papéis temporários diversos (Figura 47). Mobiliários confeccionados pela criatividade. Estes se tornam gavetas, assentos, suportes de bancada, depósitos e até mesmo expositores. Mobiliários confeccionados pela necessidade. Característico símbolo com multifunções da feira, se renova a cada uso e cada uso o convoca, ainda que temporariamente.



2.11 Gambiarra

2.11 Gambiarra

Figura 48 - Gambiarras



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Partindo de características efêmeras, a infraestrutura que compõe as barracas é rapidamente montada. Hora é rua, outrora feira. Seja em grupo ou individualmente, as barracas surgem conforme seus projetistas populares as compõem. Em meio a espontaneidade da feira, as soluções de improviso fazem parte e podem surgir a partir da falta, da mudança de planos, partilha entre feirantes vizinhos, não resultando, necessariamente, em algo negativo. O improviso exige, além de tudo, inventividade, flexibilidade e obstinação, ainda que rapidamente.

O que se conhece popularmente por “gambiarra” preenche as lacunas e evidencia as faltas. Boufleur (2013) a descreve como um conjunto de improvisações utilitárias, que implicam ainda na utilização não somente de mecanismos mas de materiais alternativos como soluções rápidas. Além de auxiliar em situações cotidianas inesperadas, as improvisações se manifestam também nas artes, em contextos comportamentais e no meio urbano. Embora a organização prévia ou o “ato de prever” faça parte da forma de pensar dos profissionais desta área, a arquitetura não surge somente de arquitetos. Sendo assim, as construções efêmeras podem ser concebidas também por construtores populares, porém, estes não planejam elaborando plantas ou vistas, pois na feira, se faz, fazendo. Boufleur (2013) complementa:

> Esta linha de pensamento proporcionou uma aproximação da ideia de improvisação às atividades de design e arquitetura, fazendo com que a improvisação fosse percebida como uma forma mais imediata de projeto, considerando-se seu objetivo de promover uma solução (BOUFLEUR, 2013, p. 34).

Neste contexto, o ato de projetar transcende a formação técnica e o conhecimento científico centralizado, oportunizando a produção arquitetônica com o que se tem em mãos, conferindo ao processo uma qualidade quase vernacular. A gambiarra ainda atua como antítese à arquitetura sistemática, pois exemplifica a espontaneidade necessária em decisões cotidianas e mostra que o rigor da planta baixa não precisa se demorar em atividades pontuais, como mudar um sofá de lugar ou pendurar um quadro na parede, por exemplo. Surge onde a arquitetura se limita ou onde a manutenção técnica da arquitetura é falha. Na feira, os saberes individuais e a articulação em rede enfim se complementam, onde a forma de ser influencia diretamente as formas de fazer. Em meio às circunstâncias, o que toma espaço é a criatividade, intrínseca ao “ser feirante”.

> Chegar lá os meninos tá tudo de uniforme, você vai no domingo não tem um sem uniforme. Você sabe quem é quem! Entendeu? Eu acho bonito, eu não sei porquê, mas eu acho muito bonito você trabalhar de acordo com a tua banca.
>
> - Dona Fátima

As formas de ser feirante e a identidade podem também surgir improvisadamente. São construídas não só a partir do uso de uniformes, mas com realidades aproximadas, mesmo local de origem ou a presença frequente na vivência, por exemplo. Um vizinho de banca, que é primeiramente um conhecido, logo se torna um amigo, e, ainda que esteja absorto à intensidade da rotina, a ausência é facilmente percebida.

> Quando eu não apareço na feira, alguém manda... Na feira, nós temos o grupo da feira e tem sempre nesse grupo alguém que pergunta: "Cadê você? O quê que aconteceu com você?"
>
> - Dona Fátima

Como já descrito, as relações estão muito presentes, não somente entre vendedores e fregueses, mas entre os próprios feirantes, como relatado por Dona Fátima. Afinal, compartilhar hábitos e espaços, aproxima. Estas potentes relações e aproximações criadas a partir da convivência, ultrapassam as possíveis situações de concorrência comercial entre vizinhos de banca e colegas de trabalho, que dividem não somente as espacialidades, mas, desenvolvem um senso de comunidade ao zelar tanto por seus espaços individuais quanto por áreas coletivas.

> Por exemplo, a vizinha aqui, não é porque ela vende a mesma mercadoria minha, que se ela precisar eu não vou ajudar ela. Se vem um cliente dela aqui e pede um lanche, eu levo lá na banca deles... e vice-versa.
>
> - Dona Graça

Perceber um espaço compartilhado é também perceber o outro. O senso de vizinhança e cuidado mútuo, expressam o que Jane Jacobs (2011) chama de “olhos da rua”. Um espaço vivido, frequentado, onde pessoas criam rotinas e relações, formam comunidades. Comunidades ativas, que usufruem e transformam o espaço, são capazes de criar autênticas amostras das cidades (ou do que deveriam ser). Cidades saudáveis criam cidadãos saudáveis, cidadãos saudáveis mantém as cidades saudáveis e existentes. O sistema se retroalimenta.

> As pessoas vem passear, não tem onde ir no domingo e vem pra cá. Então é um encontro, praticamente, da cidade!
>
> - Dona Graça

2.12 O corpo como expositor

Figura 49 - Corpo como expositor



Fonte: Acervo da Autora (2023)

O corpo expõe e é exposto. Na feira o corpo-ambulante é uma vitrine para o que se deseja vender. Enquanto alguns vendedores esperam a chegada dos clientes, outros, como os ambulantes, vão ao encontro deles. Percorrendo os mesmos caminhos, transpassando a malha costurada, se expõe às fragilidades tal qual os produtos que carrega. O corpo leva junto a banca, as marcas, os saberes e a oferta (Figura 49).

Este tipo de movimentação atribui um aspecto ativo ao cenário, o tornando ainda mais variável e menos austero. Espaços em atividade são grande parte do que mantém as cidades atrativas, tanto para seus habitantes quanto para visitantes. Neste ponto, a feira contrapõe a lógica contemporânea da lei do menor esforço, onde o conforto e a vivência do espaço vem da passividade. O encurtamento de distâncias, mínimas movimentações e dispositivos aceleradores são alguns dos inúmeros exemplos de adaptações responsáveis por compor as atividades passivadoras da contemporaneidade. Por isso, reflete-se sobre a forma que a arquitetura pensa e trabalha o corpo, visto que é tido tão somente como métrica e muitas vezes reduzido a distâncias em representações como a planta baixa, apontada quase como inquestionável.

Decerto, não pretende-se dispensar sua devida importância, mas um olhar reflexivo é lançado sobre esta ferramenta, que dá a quem projeta a “segurança” e a sensação de controle dimensional total para criar espaços e compreendê-los. Além disso, esta pode ser limitada e limitante, pois por vezes separa dimensões de corpo e mente, que, embora socialmente dicotômicas, são coabitantes. Logo, compreendendo a inerência entre processos corporais e mentais, nota-se que a camada experiencial não deve estar separada das demais formas de perceber o espaço.

Contatar a feira possibilitou a estabilização necessária para repensar as próprias seguranças técnicas e nesta experiência sensorial, ampliar o senso crítico sobre as formas de representação arquitetônicas. É ainda possível reconhecer o valor de referenciar-se a partir da arquitetura de não-arquitetos e nestas, apreender os saberes concatenados de outras maneiras. Assim, perceber o corpo na feira enquanto conector de encontros e aproximações, que carrega mais do que atributos dimensionais, o torna um opositor à espera meramente inativa. Apreender o espaço de forma sensorial pode transformá-lo, tanto o corpo quanto o espaço, pois quem experiencia ativamente a cidade, passa a percebê-la também fisicamente, como explica Jacques (2008):

> Os praticantes da cidade, como os errantes, realmente experimentam os espaços quando os percorrem e, assim, lhe dão “corpo” pela simples ação de percorrê-los. Estes partem do princípio de que uma experiência corporal, sensório-motora, não pode ser reduzida a um simples espetáculo, uma simples imagem ou um logotipo (JACQUES, 2008, s.p.).

Portanto, adotar a corporeidade individual como ferramenta neste processo de compreensão urbana potencializa a ideia de cidades caminháveis de Jeff Speck (2016), reafirma que devem ser pensadas para pessoas como incita Jan Gehl (2010), consequentemente fomenta o direito à cidade e ainda ocasiona o pertencimento, necessários para um próspero desenvolver do meio urbano. Se a cidade é sinônimo de movimento, o corpo também deve ser.



Figura 50 - Escolha de tomates
Fonte: Acervo da Autora (2023)

2.13 No Chão



O chão é caminho, apoio, percurso, direção, vitrine, bancada e o que mais se puder imaginar. Ao mesmo tempo que desvia do que é indesejado, o transeunte encontra no chão da feira o que ela melhor pode oferecer, ainda que de forma improvisada. Por que olhar para o chão? Na arquitetura, o chão possibilita muitas vertentes de leitura: dimensionais, materiais e ergonômicas. Variam desde o "macropensamento"[2] do território à disposição de uma planta baixa em um terreno ou o detalhe de uma paginação de piso. Olhar o chão situa quem percorre e quem, estático, aguarda aqueles que vem ao seu encontro.

> Aí eles registram ponto, registram tudo. São esses números no chão? Sim sim, nos barracões também, os números, os... box. Essas marcas existem faz tempo? Não, sempre tem, mas eles sempre estão reformando. É pra cada qual saber o seu espaço.
>
> - Dona Eliete

Saber do próprio espaço, seja na feira, na rua ou na cidade, vai além do saber espacial, físico, "demarcável". Ao debruçar-se sobre conceitos urbanísticos, o leitor pode se deparar com a "malha urbana", nomenclatura que aponta a área ocupada por uma cidade e esta pode também ser lida como sendo de fato uma malha, uma trama, um tecido, que costurado por pedaços distintos, formam um só conjunto.

Se estabelecer no espaço, demanda do ocupante a flexibilidade de, em muitas ocasiões, deixar fragmentos para trás. Sendo Vilhena uma localidade fortemente construída por migrantes, impossível é desconsiderar os diversos "pedaços" que constroem este tecido. Portanto, deixar que agreguem ao conjunto o que carregam como bagagem, reafirma a recepção, nutre e solidifica as raízes. A identificação com o espaço cria esporádicos apreciadores, enquanto o pertencimento formula comunidades diversificadas e coabitantes.

> Se eu soubesse que isso aqui [a feira] era melhor, eu já tinha começado desde quando cheguei aqui em Vilhena, que eu mudei em 2000.
>
> - Dona Fátima

> Inclusive nós estamos aqui em Vilhena há 30 anos [...] a gente conhece toda a cidade de Vilhena, então isso já ajuda muito.
>
> - Dona Rose

[2] Termo utilizado pela autora para indicar a forma de pensamento em grande escala aplicada à contextos de estudos urbanísticos.

> O senhor é daqui de Vilhena mesmo? Agora sim, mas antigamente eu morava em Santa Catarina, lá no sul.
>
> - Feirante Anônimo

Chegar, ficar, permanecer. As partículas (pessoas) que constituem as células citadinas (ou cidades), se alimentam de pequenas pílulas fortalecidas pelo tempo (memórias). Construída de maneira tão próxima à quem dela usufrui, a feira, fragmento da cidade, se mostra como uma forma de resistência à impessoalidade dos deliverys, hipermercados e shoppings. Aqui não se retira do atendente de supermercado a possibilidade de ser autor da própria narrativa, no entanto, é preciso reconhecer o caráter de artesão do feirante, trabalhador manual capaz de tecer amostras da trama urbana. Dias (2021) elucida essa relação aproximada:

> Percorrer e vivenciar as feiras em seu cotidiano implica numa corporalidade própria, marcada pelos aromas, desvios, sabores, gritos, empurrões. Marca da enorme diferença entre as feiras e mercados populares em relação aos supermercados, a possibilidade do encontro com apelos sensórios das frutas, ervas, legumes, animais, víveres, flores e corpos é sem dúvidas um dos elementos que caracterizam a experiência de fazer a feira, permitindo aos clientes e feirantes provarem os produtos pela textura, coloração, aroma. É quebrando a ponta da macaxeira que se sabe se ela está boa, é apertando a manga que se sabe se ela já está madura (DIAS, 2021, p. 109).

"Qual a sua memória mais antiga com a feira?", espera, pensa, retoma, retorna. Ao sugerir a lembrança, o entrevistado salta no tempo, que não precisamente é um tempo passado, pois a memória não é tida somente como a distante, mas a corrente. Rememorar é fazer viver de novo, retomar o que foi percorrido, com os pés no chão, pois no chão é que se encontra o caminho, apoio, percurso e direção.

Costuma-se não valorizar o chão. Por que olhar o chão quando se pode apreciar os arranha-céus? É do chão que se retiram os insumos e produtos expostos na feira, neste ainda que se caminha para ir ao encontro das amizades feitas pela convivência. O senso comum de não reconhecer o chão (sobretudo o da feira) está muitas vezes ligado ao autoposicionamento de superioridade, de colocar-se sobre todas as coisas, de distanciar-se. Acessar itens no chão, exige o movimento natural de abaixar-se, curvar-se, debruçar-se para acessar o que se pretende, um ato dificilmente executado por quem tende a posicionar-se indistintamente.

Ao olhar para o chão, o corpo-pesquisador se reconhece como pequeno frente ao entorno, pois estima estar rodeado de grandes saberes pouco vistos. Deseja ainda valorizar os caminhos formados e trilhados por feirantes que tanto caminharam para que a feira persistisse, prolongando sua existência que é taticamente teimosa.













2.14 No Alto

Como na concepção de um projeto ergonomicamente pensado, onde se planeja a locação do que deve-ficar-no-alto e o que deve-ficar-embaixo, na feira há também esses posicionamentos, sejam eles por funcionalidade, busca por espaço ou até mesmo marketing. Ela pode se manifestar e acontecer em muitas dimensões: de perto, de longe, com produtos no chão e sobre nossas cabeças. Ao passo que se atenta ao chão, é preciso olhar também para cima, onde muitas vezes o céu, as luzes e os produtos expostos se misturam.

A feira manifestada no alto é diferente da feira vista do alto. A vista de cima, a qual arquitetos, urbanistas e historiadores são condicionados a estar, traz a narrativa de um mediador, que, além de se separar do objeto, recorta a realidade e acaba por não se apoderar de outras perspectivas e linguagens. Se separando da função de subjugar os tipos de representação, esta pesquisa aproximou-se, primeiramente, com o olhar, que mesmo condicionado à institucionalidades e aos esforços técnicos da arquitetura, buscou utilizar aquele que Didi-Huberman (2015) descreve como olhar abrangente:

> A vista sobrepujante eleva-se, liberta-se para ver melhor: fixa a distância necessária a qualquer visão numa postura de recuo constante que lhe confere a sua própria mestria. Deixa assim o objeto olhado em baixo, separado do olho que olha. Ao contrário, a vista abrangente – poderíamos nomeá-la assim – debruça-se para ver melhor: dialetiza e abisma a própria distância. Deixa assim o objeto olhado subir em direção ao olho, quaisquer que sejam os riscos ou as consequências aferentes. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 8).

Ao se desprender das atrativas vaidades que carrega por ser atado à técnica acadêmica, o corpo-pesquisador, pôde apropriar-se de sua subjetividade e não apenas olhar a feira, mas se deixar ser olhado por ela, se deixando atravessar também pela subjetividade das pessoas, buscando percepções, entremeando o espaço e nele passando tempo. O tempo. Uma dimensão a ser considerada ao relacionar espaço, experiência e memória, é o tempo.

Ao consultar imagens de um mapa digital e aplicar filtros cronológicos é possível notar as transformações sofridas ao longo do tempo, mas dentro deste recorte quais informações estão sendo excluídas? Um recorte temporal pode ser associado a outras dimensões além da espacial, pois além de concluir que um espaço mudou, é preciso compreender como e o porquê de ter mudado. Então, é onde devem começar as instigações dos porquês. Ou seria mais simples apenas apontar que “houveram mudanças ao longo do tempo”? A vista sobrepujante torna o objeto estudado quase intocável por seu próprio pesquisador. Estando o curso de arquitetura e urbanismo inserido à área das ciências sociais aplicadas, considerável é a aproximação de arquitetos e urbanistas a ferramentas tão potentes, capazes de produzir e semear conhecimento como as feiras populares. Abranger o olhar.

Restringir as perspectivas em nome da “simplificação confortável” é, sobretudo, minimizar os possíveis resultados e até mesmo controlá-los de maneira autoritária. Por isso, ao considerar que um recorte pode ser excludente quanto às perspectivas alternativas, quais informações os mapas e demais representações arquitetônicas/urbanísticas podem concluir quanto à experiência e características sensoriais? Quando se trata da subjetividade, não se pode considerá-la como mero dado analítico quantitativo, pois o subjetivo é incalculável.

Lançar o olhar abrangente sobre o objeto de estudo, buscando formas mais complexas de apreender a realidade e conferir a estes passos a camada da experiência resulta no que Jacques (2015) descreve por montagem, enquanto procedimento formal. O processo de montagem impulsiona a compreensão da cidade por meio da sobreposição de fragmentos de narrativas diferentes. Os experimentos visuais e textuais realizados resultaram neste e nos demais subcapítulos desta pesquisa, onde o processo de montagem-desmontagem-remontagem foi aplicado. Jacques (2015) o define como um meio de compreensão da complexidade de uma cidade. Este exercício ainda aproxima distintos campos disciplinares, como declara:

> [...] a partir do processo de montagem-desmontagem-remontagem – como uma forma, um exercício (ou ferramenta urbanística), de compreensão da complexidade das cidades. Essa prática busca um tensionamento a partir dos limiares do campo do Urbanismo com outros campos disciplinares, uma transgressão das fronteiras entre as disciplinas, em particular daquelas que já vimos nos três exemplos de montagens citados, a Etnografia (e a Antropologia), a Arte (e a Cultura) e a História (e a Memória) (JACQUES, 2015, p. 74).

Como forma de experimento, foram inicialmente sobrepostas fotografias feitas das feiras, buscando tanto as aproximações visíveis quanto as tensões inevitáveis. Assim, ao dispor as imagens em conjuntos, estes provocaram reflexões para além da feira, descritas neste livro de memórias, sem deixar de lado as contribuições dos feirantes por meio dos relatos.

O esforço de montar se expressou no processo de experienciar a feira e deixar que ela se mostrasse (primeira etapa de visitas de campo), onde os primeiros entendimentos se formaram e instigaram os próximos passos. Já a desmontagem surge na segunda etapa de aproximação da feira, fase em que as fotos comunicam o que a linguagem verbal não consegue transmitir e provocam a desconstrução, seguida da ressignificação de percepções iniciais.

Logo após, a tentativa de remontagem adiciona a camada da fala dos entrevistados, que, não só retomam memórias como apresentam ao corpo-pesquisador as diversas e valiosas formas de resistência da feira. A análise e aplicação da imagem como método também contribuíram para a remontagem, pois as fotografias comunicam narrativas muitas vezes despercebidas. A imagem é capaz de provocar intensas reflexões, como afirma Samain (2012):

> Nas reflexões recentes sobre a imagem, vem se desenvolvendo a ideia de que ela alimenta uma relação privilegiada entre o que mostra, o que dá a pensar e o que, sobretudo, se recusa a revelar: toda imagem nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar (SAMAIN, 2012, s.p.).

Refletir sobre a imagem, tão usual ao cotidiano de arquitetos, é parte de uma investida determinada a enaltecer a relação feira-cidade-memória e reconhecer sua força. De fato, a aproximação de diferentes áreas em campos multidisciplinares como os da arquitetura e do urbanismo, deve estender-se para além da sala de aula e contribuir igualmente para o campo da pesquisa.

2.15 Na memória

Por fim, é preciso enaltecer a camada da memória. Cada ida à feira representou para o corpo-pesquisador o contato com as próprias memórias, e, junto delas, se deparar com tantas outras em cada pedaço do espaço. Interagir com elas, possibilitou ainda o contato direto com subjetividades pouco antes reconhecidas. O subjetivo traz incertezas com as quais a arquitetura precisa se encontrar mais vezes, pois motivam e instigam a busca pelo novo, além de renovação das próprias ideias.

Em um contexto onde a feira é pouco documentada, a investida de deixar que se apresente e assisti-la com afinco é, sobretudo, muito valorosa. Quando perdido em dúvidas, o corpo-pesquisador indagou aos entrevistados a respeito de suas memórias como feirantes e as respostas ampliaram os curtos horizontes onde antes se encontravam registros. As pessoas são os próprios registros. Suas falas ensinaram e exprimiram o que só se tem ao dilatar as pupilas, aguçar os ouvidos e se deixar atravessar por esta diferente forma de compreender a cidade.

> Qual a sua memória mais antiga da feira? O que o senhor lembra lá do começo?
> **A gente lembra que uns 70% da minha época já ou morreram ou foram embora. Nós estamos em pouca gente da época nossa, sabe?**
> - Seu Carlos

Memória envolve afetividade, seja ela satisfatória ou não, isto é, tangencia o campo sensível e devido à complexidade, pode parecer intocável. Porém, ao se aproximar, o corpo-pesquisador as recebeu com a sensibilidade necessária. As conversas foram direcionadas às boas lembranças, sem invalidar as demais que surgissem, no entanto, os relatos demonstraram que as memórias positivas são afloradas primeiramente, logo, estão mais próximas à superfície.

> E qual a melhor memória da senhora com a feira? O que a senhora mais gosta da feira? **As amizades que a gente fez! Hoje tá tudo aí, fruto de amizades. Tudo amizade antiga!**
> - Dona Rose

O corpo-pesquisador também contata lembranças afetivas ao rememorar a feira e sua própria experiência com ela. Ao ser indagada por colegas sobre o objeto de estudo, em estágios iniciais deste trabalho, a pesquisadora pôde ouvir a respeito das memórias destes, ainda que não os questionasse. A feira evoca memórias e é continuada a partir delas. Se a arquitetura foi feita para continuar, como afirma o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, a feira, e consequentemente a cidade, continua nas pessoas, em suas individualidades e nas formas de se manifestar no urbano.

> Qual a importância da feira pra senhora hoje?
> **Ah, pra mim, depois que a gente acostuma é tudo. O dia que eu não vou na feira, eu sinto. Porque pra mim além de trabalhar, é a diversão, de ficar conversando. Eu acho muito importante! Ainda mais que é a única fonte de renda, no meu caso. Pra mim é super importante, não pode acabar!**
> - Dona Eliete



Como forma de bem findar este capítulo, traz-se ponderações derradeiras e tangentes tanto aos processos quanto às motivações deste trabalho. Ao elevar a produção artística como forma de expressão, esta se revelou não somente como método, mas na confecção deste livro de memórias, assim chamado por trazer a afetividade e subjetividade como aspectos primordiais, ao passo que carrega informações pujantes.

As texturas, aviamentos, filmes fotográficos e escritas à mão aplicados buscaram transmitir o caráter analógico, utilizando de ferramentas digitais disponíveis para configurar aspectos de técnicas manuais, igualmente usufruídas. Esta característica esteve junto à autora desde o princípio da pesquisa, tendo em vista o apreço por tal, assim como a produção do próprio diário de bordo, estampa de cajueiro de significado afetivo e aspecto tropical, além de desenhos posteriormente digitalizados.

Após tamanha descrição, nota-se a relevância da produção artística não só para este trabalho, mas no meio acadêmico e o quanto pode corroborar a criação de novas formas de conexão com a produção do conhecimento, pois evoca atravessamentos singulares, logo, motores. O saber artístico desestabiliza, pode originar incertezas e não é grandemente previsível, pois envolve o corpo que cria, o que para o pesquisador pode indicar demais receios.

Enquanto em contextos academicistas, uma metodologia tão complexa quanto tende a ser rigidamente estruturada e sistemática. Decerto, indiscutível é a necessidade de pensar, estruturar, quantificar e calcular tecnicamente, no entanto reiteram-se as potentes dimensões emergentes da aplicação de outras sensibilidades.

O mergulho sensível e individual da experiência é geralmente pensado em proporcionar atravessamentos sociais, porém, aqui é enfatizada a subjetividade no processo do conhecimento sob a perspectiva individual, contudo, longe de flertar com o egocentrismo. De forma contrária, este modo de pensar salienta o ato de primeiro olhar para si mesmo, para então entender como se olha para fora, e assim, ter ciência dos próprios recortes. Este olhar contempla a subjetividade como um caminho possível e distante do ínfimo, visto que mecanismos de apreender e representar são formas de pensar. Assim, abraçar o complexo também é um caminho possível para a arquitetura e o urbanismo, que já tocam demais campos disciplinares e de pensamento.

Por fim, mesmo que sua primeira vista seja de longe, a feira convida os passantes para vivenciá-la de perto, pois seus expositores estão cheios de produtos regionais que enaltecem o pequeno produtor. Embora enfrente dificuldades mesmo em dias que não está de pé, a feira tem a qualidade de preencher vazios na cidade, mudando não só a paisagem com características coberturas, mas avivando rotinas e proporcionando encontros. Ao apreendê-la, se enxerga a plural realidade presente, que incentiva as mais diversas formas de percorrer e desacelera os automóveis. Em meio a bancadas improvisadas e caixotes, a gambiarra se espacializa quando os limites arquitetônicos são encontrados, espaço onde se utiliza até mesmo o corpo como expositor. Percorrendo e observando, nota-se que no chão da feira muitos saberes são encontrados, ainda que o corpo-pesquisador esteja no alto de suas ideias.



2.16 Considerações Finais

Em suma, as contribuições deste trabalho voltam-se às possíveis formas de olhar e apreender o espaço urbano, que não são necessariamente exploradas por arquitetos e urbanistas. O processo de chegada a estas conclusões iniciou-se a partir do auto questionamento a respeito das demais incumbências de profissionais da arquitetura, enquanto fomentadores de potências urbanas e diretos agentes da cidade.

Inicialmente a pesquisadora se propôs a analisar a feira popular, pois a visualizou como pujante manifestação urbana, no entanto, sem tantos registros que a apresentassem como tal. Por isso, embora encontradas consideráveis lacunas documentais, o esforço esteve em apreendê-la e registrá-la com aproximações, que enfrentaram desafios significativos em primeiro momento.

Sem a possibilidade de realizar entrevistas em primeiro momento (método primário de análise) devido à necessidade de autorização concedida pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), o empenho voltou-se ao estudo da imagem, método de análise coerente ao dado momento, onde as fotografias exprimiram o que não se pôde captar por palavras.

Com isso, notou-se que este processo pode ser aprofundado sob a ótica epistemológica e arquitetônica, com a contribuição de autores como Didi-Huberman, que descreve formas de se aproximar do objeto. Já Philippe Dubois disserta as intenções fotográficas, tendo em vista que a fotografia não é refletida com afinco por arquitetos e urbanistas, caminho que pode ser aventurado em dissertações e teses futuras. Além de Paola Jacques, que articula sobre montagem enquanto procedimento formal.

Em seguida, as entrevistas realizadas arrematararam as intenções de abraçar as complexidades inerentes à subjetividade do corpo-pesquisador e dos entrevistados. Com borbulhante disposição para compreender a história, permanência e contribuições da feira para a reflexão da cidade, esta pesquisa buscou percorrer o caminho elementar do método científico de: questionar, analisar e perceber as conclusões, que, iniciam novos questionamentos. Um ciclo fecundo.

Concisamente, delineando um cenário onde a pesquisa se prolonga, esta pode se desdobrar em aprofundamentos a respeito da experiência visual, sensorial e aproximada. Ainda inicia discussões sobre as formas que se produz conhecimento, tangenciando sobretudo a arquitetura, o incentivo da produção artística e da experiência como métodos. Mesmo que o contato com as dimensões anteriormente citadas possa provocar desestabilizações, estas são necessárias para impulsionar a perpetuação qualitativa do conhecimento, que se atenta à coletividade e ainda assim olha para si enquanto olha a cidade. De fato, como espetáculo urbano ancorado em referências culturais e valores coletivos, a feira deve continuar.

Referências

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. / Marc Augé, tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BALDEZ, Indridy; QUEIROZ, Mileide. FEIRAS LIVRES: negócios beneficiam comerciantes e clientes. Morcegada. Vilhena, 2017. Disponível em: <http://www.morcegada.unir. Acesso em: 18 mar. 2023.

BENJAMIN, William. Passagens. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 1994.

BOUFLEUR, Rodrigo. Fundamentos da Gambiarra: a Improvisação Utilitária Contemporânea e seu Contexto Socioeconômico. 2013. 252 f. Tese (doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2013.

CERQUEIRA, L. M. M. Embaralhando a profusão : feiras livres em Alagoas a partir de gestos e imagens. 2020. 430 f. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2020.

CERQUEIRA, Louise Maria Martins; SILVA, Maria Angélica da. Espacializações da efemeridade. Feiras livres em Alagoas e a dimensão do corpo sensível. Arquitextos, São Paulo, ano 22, n. 255.03, Vitruvius, ago. 2021. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.255/8227>.

DIAS, Juliana Michaello Macêdo. As feiras populares como territórios de persistência. Arquitextos, São Paulo, ano 20, n. 240.05, Vitruvius, maio 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.240/7747>.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Pensar debruçado. Lisboa: KKYM , 2015. 28 p.

DUBOIS, Philippe. Ato Fotográfico (o). Papirus Editora, 1994.

FEIRAS LIVRES CRESCEM EM VILHENA. Publicado pelo canal TV Allamanda SBT Vilhena. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (6 minutos e 50 segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dNSCMdCAt6M&t=56s >. Acesso em: 22 mar. 2023.

GEDDES, Patrick. Cidades em evolução. Papirus Editora, 1994. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4867766/mod_resource/content/1/Geddes%2C%20Patrick%20-%20Excertos%20de%20Cidades%20em%20Evolução.pdf >. Acesso em: 25 out. 2023.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p.

GODINHO, Vicente de Paulo Campos. Aspectos agroclimáticos do Município de Vilhena-RO. Porto Velho: EMBRAPA-CPAF Rondônia, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA. SEMCOM. Aos 38 anos, Rondônia é a terceira maior economia da região Norte. 2020. Disponível em: <https://rondonia.ro.gov.br/aos-38-anos-rondonia-e-a-terceira-maior-economia-da-regiao-norte/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, p. 16, 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2023.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. Arquitextos, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 15 abril 2023.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Breve histórico das errâncias urbanas. Arquitextos, São Paulo, ano 05, n. 053.04, Vitruvius, out. 2004 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>. Acesso em: 19 set. 2023

JACQUES, Paola Berenstein. Montagens Urbanas. Memória, Narração, História, 2015. Disponível em: < https://www.academia.edu/44183431/Montagens_urbanas >. Acesso em: 20 set. 2023.

LE GOFF, J. Documento/monumento. G. Einaudi, 1978.

_____. História e memória. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

OLIVEIRA, Roseline Vanessa Santos; DIAS, Juliana Michaello M. Corpos, casas, cidades e tempos de pandemia. 2021. Disponível em: < https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8109 >. Acesso em: 16 out. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VILHENA. História de Vilhena. Disponível em: <http://www.vilhena.ro.gov.br//index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1501>. Acesso em: 15 mar. 2023.

ROLNIK, R. História urbana: história na cidade? In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 1993, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n.], 1993. v. 2, p. 27-29. Disponível em: <http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-i-shu/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SAMAIN, Etienne (Ed.). Como pensam as imagens. Editora da UNICAMP, 2012.

SANTOS, M. A cidade e o urbano como espaço-tempo. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DAS CIDADES E DO URBANISMO, 1993, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n.], 1993. v. 2, p. 241-244. Disponível em: <http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-i-shu/>. Acesso em: 26 mar. 2023.

SPECK, Jeff. Cidade caminhável. Editora Perspectiva SA, 2016.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: A construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/C7cdWKqZSyDDcgbphcRWhvg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2023.

